

BOLA AO AR: O DESPORTO NA FLUL, CONQUISTAS E DIFICULDADES



Agenda ACADEMICA



Celebra os 25 anos do edifício da biblioteca com formações, exposições, colóquios e muito mais!

Temor e Tremor p.35

O autor anuncia que a angústia sentida por Abraão vai além dos sentimentos. É uma profunda experiência. Uma crise existencial. Renunciar o racional a fim de confiar em Deus sem mais nem menos. O dilema da obra é discutido no artigo de Reis Pereira, trazendo-nos, assim, ainda mais reflexões sobre os limites da razão humana, a necessidade de uma fé incondicional e ...

Stranger Things p.42

Embora *Stranger Things* se passe nos anos 80, as suas origens remontam a um contexto muito anterior. A série é inspirada tanto em factos verídicos como em teorias que nasceram durante a Guerra Fria, um período tenso de rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Nessa altura, ambos os países competiam em praticamente tudo — tecnologia, armamento, espionagem e até ciência experimental. O medo da supremacia inimiga levou os governos a financiar programas secretos que prometiam vantagens estratégicas, mesmo que isso implicasse ultrapassar...

Nota de Abertura

Olá, Bom dia, Boa tarde e Boa noite, flulers e comunidade!

É com enorme entusiasmo e sentido de responsabilidade que nos apresentamos como a nova direção d'O Cola. Somos a Laura Prezzi e a Margarida Henriques ambas veteranas da licenciatura de Línguas, Literatura e Culturas, e assumimos agora este projeto com muita vontade de o fazer crescer, evoluir e chegar cada vez mais longe.

O Cola é mais do que um jornal académico: é um espaço de partilha, de pensamento crítico, de criatividade e de voz ativa da comunidade das Letras. O nosso objetivo enquanto direção é claro: queremos um jornal mais informativo, mais dinâmico e mais próximo dos estudantes, sem nunca perder a identidade, o rigor e o espírito crítico que sempre o caracterizaram. Queremos mudar, inovar e experimentar, honrando simultaneamente o trabalho das direções anteriores, a equipa que nos acompanha, a Universidade e toda a comunidade académica.

Entramos neste novo capítulo cheias de ideias e ansiosas por vos mostrar aquilo que temos vindo a construir. Esta edição é especial e representa bem essa vontade de mudança. Destacamos, em particular, a nossa reportagem sobre o desporto na nossa faculdade, um tema tantas vezes esquecido, mas que merece visibilidade, reflexão e reconhecimento.

Esperamos que sintam, em cada texto, o entusiasmo e a dedicação que colocámos neste projeto. Que gostem desta edição, que continuem a ler-nos, a apoiar-nos e, acima de tudo, a participar. O Cola faz-se de quem escreve, mas também, e sobretudo, de quem lê.

Vamos mudar o mundo, por Letras e para as Letras.

Aproveitamos ainda para desejar Boas Festas e um excelente Ano Novo a toda a comunidade.

Que esta nova etapa venha cheia de ideias, projetos e boas histórias para contar.

As diretoras d'O Cola,
Laura Prezzi e Margarida Henriques

TOP 5 ESPAÇOS DE WORKSHOP EM Lisboa

Autoria: Carson
Tradução: Mar

1 Fica - Oficina Criativa

Nascida em Arroios, Fica é um espaço onde qualquer pessoa pode experimentar uma grande variedade de workshops – desde cerâmica e cestaria a serigrafia, carpintaria, etc. O que torna este espaço único é a forma como os workshops são conduzidos. Aqui privilegiam-se técnicas contemporâneas pouco convencionais, tornando a experiência verdadeiramente inesquecível.

2 Retrosaria Rosa Pomar

Esta encantadora loja de artigos de retrosaria não só vende fios de malha de alta qualidade, utensílios, livros especializados e tecidos portugueses, como também organiza workshops de vários ofícios relacionados, como cestaria, macramé e tricô – com preços entre os 55€ e os 125€. E podes aprender todas estas técnicas com profissionais, ao mesmo tempo que desfruta de uma comunidade acolhedora onde as pessoas se ajudam mutuamente!

3 Cerâmica S. Vicente

O conceito deste atelier é preservar a cultura portuguesa através da conservação dos azulejos portugueses e do seu simbolismo. Por isso, oferece um número selecionado de workshops, incluindo, naturalmente, a confeção de azulejos.

4 The Craft Company

Situada no centro de Cascais, esta encantadora loja de artigos de retrosaria oferece produtos artesanais de elevada qualidade, bem como ateliers de costura, croché e tricô! Se bater aquela fome, o local conta ainda com um café repleto de doces caseiros, delicioso chocolate quente e chá.

5 Ripas - Oficina Criativa

Localizado no Mercado da Ajuda e apoiado pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Junta de Freguesia da Ajuda, este estúdio oferece workshops gratuitos de restauro de mobiliário a todos os maiores de 18 anos.

JUNTA-TE à FLUL



ARTEC
@artecgrupodeteatro



Clepsydra
@clep.sy.dra



GTL
@grupodeteatrodeletras



Inoportuna
@inoportuna.flul



NAH
@nahflul



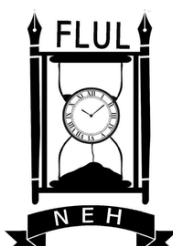
NECA
@artigo.42



NEEA
@neea.flul



NEG
@neg.ulisboa



NEH
@nucleodeestudantesdehistoria



NEP
@nucleo.estudosportugueses



NostraTuna
@nostratunaflul



Clube Heureka
@heurekaclubedeleitura



Meditação
@meditacao.flul



NUCIVO
@nucivo_flul

VEM VIVER O *Espírito Académico*



R.A.T.A.

@realacademicatunacapella



NEARQ

@nearq.flul



NEM

@nem.flul



Comissão De Tradução

@comissaotraducaoflul



NELA

@nela_flul



LetrasFM

@letras.fm



NESTEU

@nesteu_lisboa



NES FLUL

NES

@flul.nes



NESD

@nesd_flul



NEHAP

@nehap.flul



NEC

@necflul



C.C.Cultura e Comunicação

@comissaocursocc



Liga EA

@liga.easiaticos



Narratives Reimagined

@narrativesreimagined

Calendário DESPORTIVO



AEFLUL X **AEESCS**

18/12 Pav 2 - Campo 1 **19:15**



AAULL X **AEFLUL**

12/02 Estádio de Honra **21:00**



AEFLUL X **AAIPS**

18/02 Pavilhão AEIST **20:15**



AEFLUL X **AEFCSH**

25/02 Pav 2 - Campo 3 **19:15**



UCP-LISBOA X **AEFLUL**

03/03 Pavilhão 1 **18:45**



AEFLUL X **AEISA**

05/03 Estádio de Honra **21:00**



BOLA AO AR: O DESPORTO NA FLUL, CONQUISTAS E DIFICULDADES

Entrevistas dirigidas por: Laura Prezzi

Reportagem escrita por: Ana Júlia Reis, Joana Coelho, Maria Afonso, Rita Coelho e Laura Prezzi

Edição: Catarina Casal



A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) está fortemente associada a muitas áreas temáticas como a Linguística, a História, a Literatura, entre outras. Infelizmente, há um universo que permanece frequentemente esquecido: o desporto universitário. A oferta de atividades extracurriculares na FLUL não é escassa, desde diversos núcleos para os estudantes, clubes de arte e teatro, até mesmo ao nosso jornal. Contudo, as nossas equipas de desporto são frequentemente negligenciadas ou meramente esquecidas. Em prol de uma faculdade mais ativa, o Departamento de Desporto da Associação de Estudantes da FLUL (AEFLUL) trabalha diariamente para mudar este cenário.

O Departamento de Desporto da AEFLUL é uma peça fundamental no desenvolvimento das nossas equipas universitárias. Como principal fonte de controlo, é a partir do seu esforço incessante que tudo se constrói: a organização dos horários e locais de treino, a manutenção e gestão das equipas, o manuseamento de condições e o bem estar dos atletas. É este departamento que está encarregado de organizar treinos, gerir materiais, contratar treinadores, inscrever atletas, assegurar exames médicos e manter as equipas em funcionamento. É um trabalho extenso e, na maioria das vezes, invisível.

Adicionalmente, o Departamento de Desporto da AEFLUL é responsável pela prosperidade e auxílio dos estudantes que esperam poder viver o desporto dentro de um ambiente académico. É ainda devido a este grupo de organizadores que se deve um novo capítulo na área do desporto da FLUL: a introdução da nova equipa de basquetebol masculino universitário. Esta é uma conquista que surge após meses de esforço, cálculos financeiros, negociações e, sobretudo, vontade dos estudantes.

Nesta reportagem, analisamos as dificuldades logísticas, a falta de apoio institucional, o impacto emocional nas equipas e a força humana que mantém o desporto vivo na FLUL. Conversámos com dois delegados do Departamento de Desporto, Henrique Cruz e Beatriz Inês, e entrevistámos ainda a Leonor Pereira, capitã da equipa feminina de voleibol.

Na sequência da entrevista tida com os dois delegados do Departamento de Desporto da AEFLUL, Henrique Cruz, quando questionado sobre as maiores dificuldades para manter o departamento organizado, respondeu que acredita estarem relacionadas com as infraestruturas e com as condições que rodeiam a manutenção das equipas desportivas. De forma a manter uma equipa desportiva, o delegado afirma que é necessário um conjunto de elementos variados (composto por atletas, treinador, como um local de treino e material). A Associação de Estudantes, responsável pela manutenção destes elementos, dispõe de fracos recursos, o que faz com que as equipas não funcionem da forma mais desejada.

“Para manter uma equipa desportiva nós temos de... ter atletas, treinador, um sítio para treinar, temos de ter equipamentos, material de treino... e temos de ter uma fan base.”

O financiamento da equipa é fulcral para o funcionamento da mesma. Desta forma, Henrique Cruz revelou que só este ano foi possível a aquisição de uma máquina de lavar-roupa para tratar da limpeza dos materiais, que acredita estar danificada.

As dificuldades do financiamento não terminam por aí. Além de terem de pagar pelos salários dos treinadores, é necessário certificarem-se de que existem espaços onde os atletas possam treinar. Os gastos continuam, pois relembramos que o Departamento de Desporto da AEFLUL certifica-se de assegurar equipamentos, materiais, exames médicos e o custo das inscrições. Adicionalmente, o departamento gere atualmente três grandes modalidades: o futebol (Equipa Masculina), o voleibol (Equipa Feminina) e, agora, o basquetebol (Equipa Masculina). Gerir estas equipas com recursos tão reduzidos é uma tarefa complicada, até mesmo quase impossível.

Como a Faculdade de Letras não é tradicionalmente conhecida como amante do desporto — ao contrário de outras faculdades —, acaba por existir menos apoio. E essa falta de apoio da própria faculdade acaba por agravar os problemas anteriormente referidos. Os problemas enumerados pelo delegado Henrique Cruz, apesar de frustrantes, demonstram ser dificuldades *“a nível geral [...] não é propriamente um problema”*. Isto é, são

geríveis e Henrique garante que o financiamento é bem administrado de acordo com as necessidades do departamento.

Por último, a falta de entusiasmo por parte da faculdade com o desporto acaba por afetar o ânimo das equipas, contribuindo para uma dificuldade no âmbito de manter o Departamento de Desporto organizado. *“Uma das grandes dificuldades também é levar os estudantes a viverem o desporto da FLUL”*, acrescenta Henrique Cruz.



Quando perguntada acerca das condições do espaço para treinos, Beatriz Inês afirma que a Universidade tem espaços próprios — como o Estádio Universitário —, mas existem questões que muitas vezes impedem o usufruto dos mesmos pelos estudantes. O Estádio Universitário contém áreas concessionais, administradas pela ADESL (Associação Desportiva do Ensino Superior de Lisboa), mas que são frequentemente utilizadas por clubes exteriores à Universidade, limitando o acesso dos estudantes a essas áreas. A associação, segundo a entrevistada, tem pouca influência nas decisões tomadas quanto à utilização dos espaços disponíveis. Nas suas palavras: *“é uma associação que facilmente é posta de parte quando as concessões se falam mais alto [...]”*. Isto tem implicação na marcação dos treinos e até mesmo no prosseguimento dos campeonatos universitários, uma vez que a reitoria tem o poder de interromper os torneios, às vezes por meses.

A estudante protesta que o acesso aos espaços desportivos está condicionado ao pagamento de maiores quantias de dinheiro — o que é vantajoso para os grandes clubes, porém prejudica os estudantes. A ADESL fica, portanto, subjugada à questão financeira, tendo de colocar em segundo plano as equipas universitárias que pagam menos.

“[...] no fundo, quem manda no Estádio Universitário é quem paga.”



Outro aspeto negativo referido pela entrevistada é a falta de bancadas (nomeadamente no que diz respeito aos jogos de voleibol). Sem um lugar para assistir aos jogos, a comunidade estudantil fica excluída desta vertente da vida universitária e os jogos são “à porta fechada”. As equipas acabam por ficar sem o apoio dos outros estudantes, tão necessário para elevar os ânimos dos jogadores. As únicas exceções são as equipas de futebol e basquetebol, que têm mais e melhor acesso a bancadas. Ainda assim, existe uma falta de conhecimento destas equipas por parte da comunidade discente. O delegado Henrique Cruz lamenta: “[...] a maior parte dos estudantes nem sequer repara quando a equipa de futebol ganha ou quando a equipa de futebol perde”.

A criação da nova equipa de basquetebol não foi impulsiva — foi um processo longo, debatido e financeiramente complexo. Beatriz explica: “havia muita vontade de abrir uma nova equipa, já desde o ano passado. Ou seja, havia estudantes interessados, só que o peso financeiro foi aquele elemento a ser pesado durante mais tempo”.

Alguns fatores facilitaram a decisão de criar a nova equipa. A AEFLUL já possuía equipamentos antigos de basquetebol, herdados de uma equipa que existira há vários anos, o que reduziu uma parte dos custos iniciais. Além disso, já havia um grupo numeroso e motivado de estudantes interessados em integrar a modalidade, algo que deu confiança ao departamento de que a equipa teria adesão imediata.

Contudo, os desafios continuam a ser significativos. Os contratos com treinadores

nem sempre são financeiramente acessíveis, especialmente para uma associação de estudantes com recursos limitados. É de lembrar que a AEFLUL arca com todas as inscrições oficiais, os exames médicos obrigatórios dos atletas e até as multas aplicadas durante os jogos, o que torna o peso financeiro ainda maior.

Mesmo assim, talvez o maior obstáculo seja a incerteza no que diz respeito à continuidade. Como esta é a primeira época da equipa, não há garantias de que os estudantes vão querer permanecer ou de que haverá novos jogadores suficientes no próximo ano. Adicionalmente, a própria comunidade académica da FLUL ainda não tem plena consciência de que existem equipas universitárias ativas, o que dificulta a criação de uma base sólida de apoio, interesse e recrutamento. Enquanto a cultura desportiva não estiver verdadeiramente estabelecida dentro da faculdade, qualquer nova equipa corre o risco de não ter continuidade. Henrique resume essa preocupação com clareza:

“Como é o primeiro ano, temos de zelar muito por essa continuidade. Portanto, o final do ano vai ser muito importante para isso. Qualquer que fosse a equipa, sendo um primeiro ano... é o ano da experiência. Depois temos de ver se há continuidade ou não, mas esperamos que sim.”

Leonor Pereira, capitã da Equipa Feminina de Voleibol, oferece uma perspetiva valiosa sobre o desporto universitário, especialmente para quem vem do desporto federado. Depois de ser perguntada sobre as diferenças entre o desporto federado e o universitário, Leonor aprofundou a forma como cada ambiente molda os atletas. Explicou que no voleibol federado existe uma pressão constante para alcançar resultados, ganhar posições e corresponder a expectativas rígidas, tanto dos treinadores como das próprias colegas. No universitário, porém, encontrou um espaço totalmente diferente, onde a competição existe, mas não a sufoca, e onde o foco principal é o bem-estar, a aprendizagem e o gosto genuíno por jogar. Segundo a capitã, essa mudança de ambiente foi essencial para recuperar o entusiasmo pelo desporto:

“É um ambiente saudável, em que podemos

descontrair para jogar vôlei por gosto e não propriamente com aquela pressão de ter de ser a melhor na equipa para estar em campo.”

Leonor explicou ainda que esta abordagem mais leve não significa falta de compromisso — pelo contrário. A equipa mantém objetivos claros, trabalha unida e valoriza cada nova jogadora que entra, porque sabe o quanto a experiência pode marcar positivamente a vida académica.

Depois de ser perguntada sobre as expectativas para esta época, Leonor afirmou que o clima dentro da equipa nunca foi tão positivo. Este ano, a chegada de várias jogadoras novas trouxe uma energia renovada e um sentimento de crescimento real, algo que, segundo ela, contrasta com épocas anteriores, nas quais havia dificuldade em manter o número de atletas.

“Cada vez mais temos mais pessoas interessadas, temos mais pessoas com vontade de participar e isso é incrível de se ver e de sentir.”

Apesar de existirem ambições competitivas — como passar para a primeira divisão —, Leonor sublinhou que esse não é o objetivo principal. Para ela e para o treinador, a prioridade está na criação de um ambiente saudável, unido e acolhedor, onde cada atleta tem espaço para evoluir ao seu ritmo. A capitã reforça que o voleibol universitário serve também como uma forma de equilíbrio emocional para muitas alunas: “é ter um bom ambiente de equipa, divertirem-se, manter um espírito de equipa ativo e bom para que todos se sintam confortáveis, em casa, e aproveitem cada treino para desanuviar, desestressar todas as complicações da faculdade, pessoais, entre outros”. Assim, mais do que resultados, a expectativa para esta época é crescer como grupo e continuar a fortalecer um espírito de equipa que já se tornou marca do voleibol da FLUL.

Depois de ser perguntada sobre como é ser capitã de uma equipa universitária, o sorriso de Leonor praticamente antecipou a resposta. Para ela, liderar a equipa de voleibol da FLUL é uma grande responsabilidade, mas também uma das experiências mais gratificantes da sua vida académica.

“Eu não poderia escolher uma melhor equipa, nem escolher o melhor treinador. E fico bastante

gratificada ao ver como as minhas colegas têm desenvolvido, como eu me tenho desenvolvido na equipa.”

Leonor descreve o papel de capitã como um equilíbrio entre organizar a equipa e garantir que todas se sintam apoiadas. Para além de orientar as jogadoras e assegurar que tudo está em ordem (desde o material aos avisos), ela dedica-se especialmente a integrar as atletas novas e acompanhar o grupo em treinos, jogos e reuniões. No fundo, vê a função como estar sempre presente para a equipa, tanto em campo como fora dele. Embora seja um papel exigente, Leonor assume-o com orgulho, realçando que nunca está sozinha. As colegas, especialmente Mafalda, ajudam em tudo — desde lembrar treinos até apoiar quem está mais nervoso. No final, para Leonor, ser capitã é mais do que um título: é uma forma de retribuir ao voleibol tudo o que este lhe deu e de construir um ambiente onde todas as atletas se sintam bem, confiantes e parte de algo maior.

Este ano, o Departamento de Desporto da AEFLUL organizou o Concílio do Desporto Universitário, reunindo representantes da ADESL, FADU, atletas e dirigentes associativos para debater os problemas estruturais do desporto universitário em Lisboa. Entre os temas discutidos estavam a desigualdade no acesso aos espaços do Estádio Universitário, a necessidade de revisão do Estatuto do Estudante Atleta, a falta de financiamento adequado e a carência de infraestruturas dignas para treino, competição e público. Dessa discussão nasceu uma moção conjunta apoiada por várias associações estudantis, que será levada à Assembleia Geral da ADESL com o objetivo de criar uma posição unificada perante a reitoria e os órgãos decisores. Henrique Cruz resumiu:

“Achamos que é importante para as associações de estudantes estarem todas unidas contra os problemas no desporto universitário e por um ideal do que deveria ser o desporto universitário.”

O Concílio marcou não apenas um debate, mas o início de um movimento coletivo que reivindica melhores condições e mais respeito pelo desporto na vida académica.

Não ignorando os obstáculos que ainda se colocam no caminho dos nossos atletas, impedindo-os de maximizarem o seu potencial

desportivo, o Departamento de Desporto da AEFLUL tem trabalhado arduamente no sentido de colmatar as maiores dificuldades com as quais se deparam e de oferecer à comunidade académica uma melhor dinamização e fomento do desporto universitário — que se quer mais acessível e mais visível. Assim, o departamento tem como objetivo principal tornar o desporto um tema pelo qual a comunidade académica demonstra um maior interesse e reconhecimento. Sendo o desporto não apenas uma fonte muito significativa de desenvolvimento individual e interpessoal como de lazer — que não se deve limitar ao futebol, mas sim estender-se a uma maior variedade de desportos (como o basquete e o voleibol) —, luta-se para evitar a sua desvalorização e falta de reconhecimento e para fomentar uma maior divulgação, dinamização e participação por parte da comunidade académica.

Se somos, na grande maioria, estudantes que vêm de um percurso escolar cujo currículo académico obrigatório valoriza e coloca o desporto escolar ao mesmo nível que as restantes disciplinas, a grande questão que se coloca será: por que razão deixa o desporto de ter esse (ou pelo menos um) lugar nos nossos currículos académicos?

A comunidade académica demonstra vontade de mudar o panorama que até agora se tem perpetuado face ao desporto no ensino superior. É graças a tantos alunos que desejam que, na sua vida universitária, haja espaço para o desporto e ao seu esforço árduo em prol de um melhoramento e desenvolvimento das estruturas que lhes são afetas que podemos contar hoje com a oferta desportiva disponível na FLUL. Embora lacunar, o trabalho desenvolvido neste sentido apresenta perspectivas de crescimento muito significativas e é fruto de uma energia inovadora trazida pelas novas gerações académicas. Caber-nos-á a nós, atuais estudantes, e às gerações de estudantes vindouras proporcionar a mudança que o desporto no meio académico requer. Participar — seja nas bancadas ou em campo — é uma forma de tornar a faculdade mais viva e mais nossa. O desporto está aberto a todos, independentemente da experiência ou do nível de habilidade. Basta dar o primeiro passo. Porque, no fim, cada estudante que aparece num treino, num jogo ou num simples apoio faz parte desta construção.



O futuro do desporto na FLUL depende de todos nós. E talvez seja agora o momento perfeito para descobrires que lugar podes ter nele.



Para finalizar, foi um enorme prazer entrevistar a equipa do Departamento de Desporto e dar palco a quem, com dedicação, dá vida a um trabalho tão lindo e importante.



Agenda ACADÉMICA

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta *Agenda Académica*, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.



A AEFLUL vai dar a última festa do semestre!

O semestre está a chegar ao fim e não há melhor forma de celebrar do que juntos.

Vem celebrar connosco, traz o teu copo e a tua melhor energia para dançar e aproveitar no

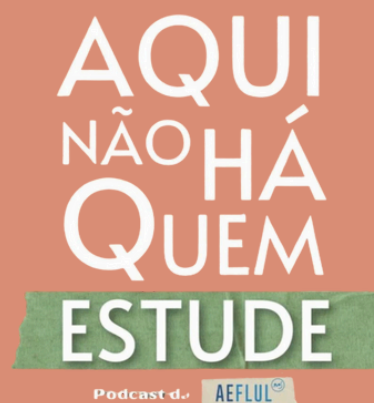
Dia 18 de dezembro, das 22h às 04h, no Alcatroado.



AQUI NÃO HÁ QUEM ESTUDE Podcast AEFLUL

Vêm aí episódios fresquinhos do podcast da AEFLUL! Entretanto, já saiu o episódio especial dedicado ao 35.º aniversário da Inoportuna, uma conversa que revisita a sua história e percurso.

O episódio já está disponível no Spotify vale a pena ouvir enquanto esperas pelos próximos lançamentos!



BREAKING NEWS

Nos passados meses de novembro e dezembro realizaram-se as eleições para os órgãos de gestão da FLUL, para o mandato de 2025/2027, nas quais a Lista S - Somos Letras saiu vencedora. Realizaram-se também as eleições para os órgãos sociais da AEFLUL, para o mandato de 2025/2026, tendo vencido a Lista U - Unidos Somos Mais. Muitos parabéns a ambos os novos mandatos e votos de um excelente ano de trabalho.

Aqui podes encontrar eventos como conferências, exposições, para o teu espírito académico, bem como eventos de natureza intelectual e com impacto social. Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



King Lear
de William Shakespeare
com a Professora Maria Sequeira Mendes!

Este mês o clube de leitura está a ler o clássico *O Rei Lear* de William Shakespeare.

Uma coroa partida.
Uma família dividida.
E a loucura que reina.

Junta-te a nós para desvendar uma tragédia em que o orgulho divide famílias, a lealdade é punida e cada escolha leva um reino à ruína.

17 DE DEZEMBRO
ÀS 17H SALA B112.B




Narratives Reimagined, "King Lear de William Shakespeare"

No dia 17 de dezembro, junta-te ao clube de leitura para mais uma discussão literária! Desta vez, o encontro será dedicado ao grande dramaturgo Shakespeare e à sua aclamada obra *King Lear*, com a presença da professora Maria Sequeira Mendes.

2.ª Edição da Conferência Internacional Women and Slavery: Violence, Resistance and Diasporas

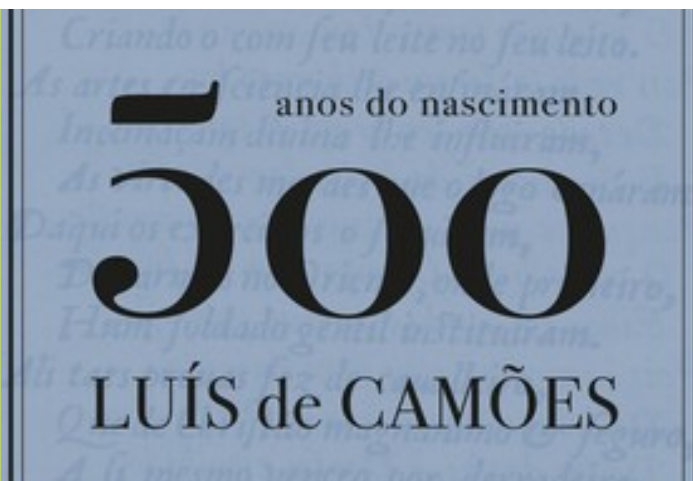
A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa acolhe, nos dias 2 e 3 de junho de 2026, um encontro internacional que reunirá investigadores de diversas áreas para debater as experiências de violência, resistência e diáspora vividas por mulheres escravizadas em diferentes contextos históricos e geográficos. A chamada de comunicações encontra-se aberta até 31 de janeiro de 2026.



2ND INTERNATIONAL CONFERENCE
**WOMEN AND SLAVERY:
VIOLENCE, RESISTANCE AND DIASPORAS**

KEYNOTE SPEAKER
 **VANICLÉIA DA SILVA SANTOS**
PENNY MUSEUM OF THE UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA

JUNE 2-3, 2026
SCHOOL OF ARTS AND HUMANITIES, UNIVERSITY OF LISBON
ROOMS B112.B AND B112.C (LIBRARY)



500 anos do nascimento
500
LUÍS de CAMÕES

Exposição "Luís de Camões: 500 anos do nascimento"

Visita o Centro de Exposições do Pavilhão de Portugal até 15 de janeiro de 2026, com entrada livre. "Entre o valioso acervo reunido por D. Manuel II na última década da sua vida, destaca-se uma notável coleção de livros impressos e manuscritos dedicados à vida e obra de Luís Vaz de Camões."

Liberdade

Autoria: Natacha Vieira
Edição: Catarina Casal
Ilustração: Yuna Le Quéré

Como ser livre? Como me livrar dessa prisão corporal que sou. Qualquer um vê que meu corpo está preso e pesado enquanto minha alma pede pelo mais sincero que há aqui dentro. Minha alma pede por mais água e verde. Sempre que tenho vontade de chorar, grito pelo potencial da vida, colaboro com a precipitação para construir minha liberdade. Sinto uma vontade quase mística de me libertar, creio que meu coração é capaz de encher qualquer fossa e curar o rio seco. Hoje, nosso peito é um só e bate forte, coração feito megafone que vem para anunciar alegria gritante pelas ruas. Não sei me explicar e você não consegue entender, me encontro presa numa fenda no tempo e por isso não existo. Sou toda feita de calor e preciso ir pra casa, te encontrar no meio de uma multidão e juntos fazer sala. Imagino como seria estar vivo, entrar num estado de embriaguez e coma devido ao jazz e samba. Quero que escrevas sobre mim. Quero ser ar salgado – e sou! Sinto de novo, sou de novo. É uma vontade de viver imensa que vira tristeza, porque não sou capaz. Preciso sair para fora de mim e só ser, me dissipar em sorrisos e colinas acentuadas sem ter que me

preocupar com meu corpo. Talvez assim eu consiga te escutar e ser livre. Sei que posso morrer a qualquer momento sem nenhuma epifania, sem amor, sem calor. E tá tudo bem! Porque no final do dia os motoristas de ônibus ainda passam um pelo outro e trocam sorrisos e tudo fica bem, tem que ficar. Outros dias penso em como você não sabe nada sobre mim, não sabe que te escrevo e esta será mais uma carta sem endereço que nunca vai sair do fundo da minha gaveta, construindo moradia ao lado da sua, pegando pó e escurecendo com o tempo. Nem parece que um dia nosso amor foi salvação. Pensar em você na minha cidade me deixa com raiva. Porque você não me ligou? Ficar de luto por alguém que ainda está vivo é estúpido e eu me odeio por isso. Poetas me diriam para correr atrás de ti, me ajoelhar e confessar, mas Deus sabe que seria o pecado que me impediria de entrar no céu. Se sinto desejo, é porque você existe. Um gênio triste, preso pelo destino, me concede três desejos: me olhe de novo, me toque de novo, me beije de novo. Estou presa. Você, você, você. Me ensine a viver. Te quero, te quero, te quero.



Papoilas

Autoria: Rita Ribeiro
Edição: Tamara Correia

Quando morrer, leva-me papoilas; planta-as junto a mim.

Não me esqueças quando me vierem buscar, quando for irremediável uma despedida sem adeus.

Pensa em mim quando os meus olhos não forem mais que duas pedras sem brilho, tapadas por cortinas que não se voltarão a abrir.

As minhas mãos já tremem e o toque dos meus dedos já não é tão firme, desculpa. As tuas não são assim. Os anos já pousaram como um véu nas linhas do teu corpo, mas as tuas mãos continuam com o mesmo toque macio e jovem que me fez arrepiar pela primeira vez.

Peço que não te esqueças da minha voz e de como oscila quando solto uma gargalhada menos preparada. Que sintas o fantasma das minhas mãos e como um dia já as desejava ardentemente na tua pele. Ainda te desejo assim, ainda desejo todos os teus suspiros e respirações, até as minhas falharem.

Crava as minhas palavras em ti. Todas as que te dediquei, por escolha e por não conseguir evitar pensar em tudo o que fomos e somos.

Já antecipo as tuas frases, já sei as tuas respostas, já há muito decorei as linhas dessa boca, mas, mesmo assim, não me canso de te ouvir, de esperar ansiosamente por cada expressão firme, mas suave, que fazes questão de me oferecer e que eu nunca hesito em aceitar.

Em breve, perder-te-ei, tu sabes disso. Tão longe está o nosso início, mas ainda mais longínquo se encontra o nosso fim. Sou uma romântica incurável, não me consigo desviar desta natureza, mesmo quando me encontro às portas do destino mais escuro da humanidade.

A minha língua ainda se enrola para te falar, para dizer o teu nome. Esse teu nome irá ser a última palavra a desvanecer-se da minha existência mundana — é outra promessa que faço, tal como estas que tenho acumulado com os anos, mas que nunca deixei de cumprir. Sei que os teus dedos vão tremer, mas passeia-os pelos teus sinais, por todas as vezes que o fiz, que te senti mais que a mim mesma.

Não me esqueças, não deixes o meu nome se arrastar entre os teus lábios. Não chores, não te posso beijar as lágrimas.

E peço, por favor: quando partir, leva-me papoilas. Só quero papoilas junto a mim.

Ilustração: Yuna Le Quéré

Desconstruída

Autoria: Ana Rita Franco
Edição: Dinis Matias

Sou feita de pedaços
Alguns afiados e pontiagudos
Outros suaves e redondos
Pedaços de tudo e de nada
Pedaços do mundo.

Sou feita de memórias
Minhas, tuas e nossas
De uma nostalgia herdada
Que eu sinto como minha
E que carrego com orgulho.

Sou feita de sonhos que me foram passados
Sou feita de sonhos que nem ousa sonhar
Sou feita de pesadelos que recalco
E daqueles que criei por mim mesma.

Sou feita de chuvas de estrelas
De trovoadas no verão
Sou feita de sol de inverno
De um tornado furioso
De ondas que me puxam para dentro.

Sou feita de noites quentes e eternas
De conversas sussurradas
De pores do sol rosados e violetas
De madrugadas no carro a cantar
Do cheiro da minha casa
De uma lareira em brasa.

Sou feita de todas as certezas do mundo
Sou tudo e sou nada
Uma amálgama perfeita
De tudo o que é imperfeito e real
De todos os que existem
De todas as que já fui
E de todas as que nunca serei.

Sou tudo.



Limerência

Autoria: Louisa Sousa
Edição: Rita Costa

Tu nunca me falaste,
mas juro que te ouvi.
Um olhar, um gesto, um nada,
e lá estava eu, a acreditar em ti.

Não sei se foi ilusão
ou um olhar teu.
Foi mesmo um sinal,
mas bastou para me prender a ti.

Toda a gente diz que mereço mais,
que tu és apenas um espelho partido
onde procuro o brilho
que um dia imaginei em ti.

Mas há dias em que voltas
e o meu peito esquece tudo,
como se o universo te conspirasse
outra vez para mim.

E eu tento.
Mesmo sabendo que sou a única a tentar.
Faço listas dos teus defeitos
como quem tenta arrancar um sonho do
coração.
Mas, no fim, tudo o que quero é que olhes
para mim
como eu já olhei para ti mil vezes.

E quando percebo que nada vai acontecer,
pergunto-me:
foi esperança ou apenas saudade?
É difícil saber.
Até o vazio tem o teu nome
e o meu coração continua a escrevê-lo,
à espera de te ver aparecer como tantas vezes
antes.

Monólogo

Autoria: Rita Coelho
Edição: Maria Rodrigues

Tenho sido vítima dos meus próprios limites.
Ansiosa, acelerada, nervosa, desmesurada.
Tenho sofrido por escolhas das quais não me
arrependo,
mas se me ressinto, se nelas penso.

Talvez seja só ansiedade, só medo,
só impassibilidade, só nervos...
É só a idade, a faculdade;
é o trabalho, o horário.

O que é na realidade? É de mim, é dos tempos
em que vivo?
Quantos motivos serão precisos para
encontrar sossego?

A felicidade é breve, é leve.
Quando chega, parece partir
e deixar saudade promete.
Sinto-a em mim sem sentir.

Sinto tudo sem sentir.
Ouço, vejo e esqueço.
Faço, falo, acabo a rir e,
em silêncio, estremeço.

Winter Comes once a year

Autoria: Sara Coelho
 Tradução: Sara Coelho
 Ilustração: Yuna Le Quéré

O inverno vem na quarta estação
 Evoca lições que lembramos em vão

O branco frígido espalha-se pelas avenidas
 Torna imortais os pneus e as solas abatidas

O branco cristaliza pétalas perdidas
 Esconde a vergonha das árvores despidas

O branco cobre o céu
 Oferece casa às estrelas no tronco fiel

O branco alastra-se melancólico pelos
 telhados
 Remenda corações e sonhos em lares outrora
 abandonados

O branco extingue o calor
 Empurra almas desamparadas para os braços
 de outrem à procura de fervor

O branco desvanece a cor
 Relembra a existência de beleza em tempos de
 dor

O branco transforma o mundo e derrete só
 Chega ao fim o inverno e a vida desata outro
 nó

O branco rouba lentamente a nossa
 “felicidade”
 Repete que tal sempre nos pertenceu de
 verdade
 Tínhamos apenas de a cultivar entre todos
 com empatia e dignidade

Que será de nós sem a Poesia?

Autoria: Débora Pacheco
 Edição: Alexander Piffer

Que será de nós sem a Poesia?
 Sem a poesia de sonhar,
 De sonhar com um anjo que desce à terra para
 chorar.

Sem a poesia de nascer,
 De nascer para, pela primeira vez, descobrir o
 amor através de uma mãe.

Sem a poesia de entender,
 De entender a capacidade de um mar finito,
 que reflete um céu infinito.

Sem a poesia de acreditar,
 De acreditar na vida, mesmo na hora da
 morte.

Sem a poesia de compreender,
 De compreender, numa noite de verão, que as
 estrelas não estão só no céu.

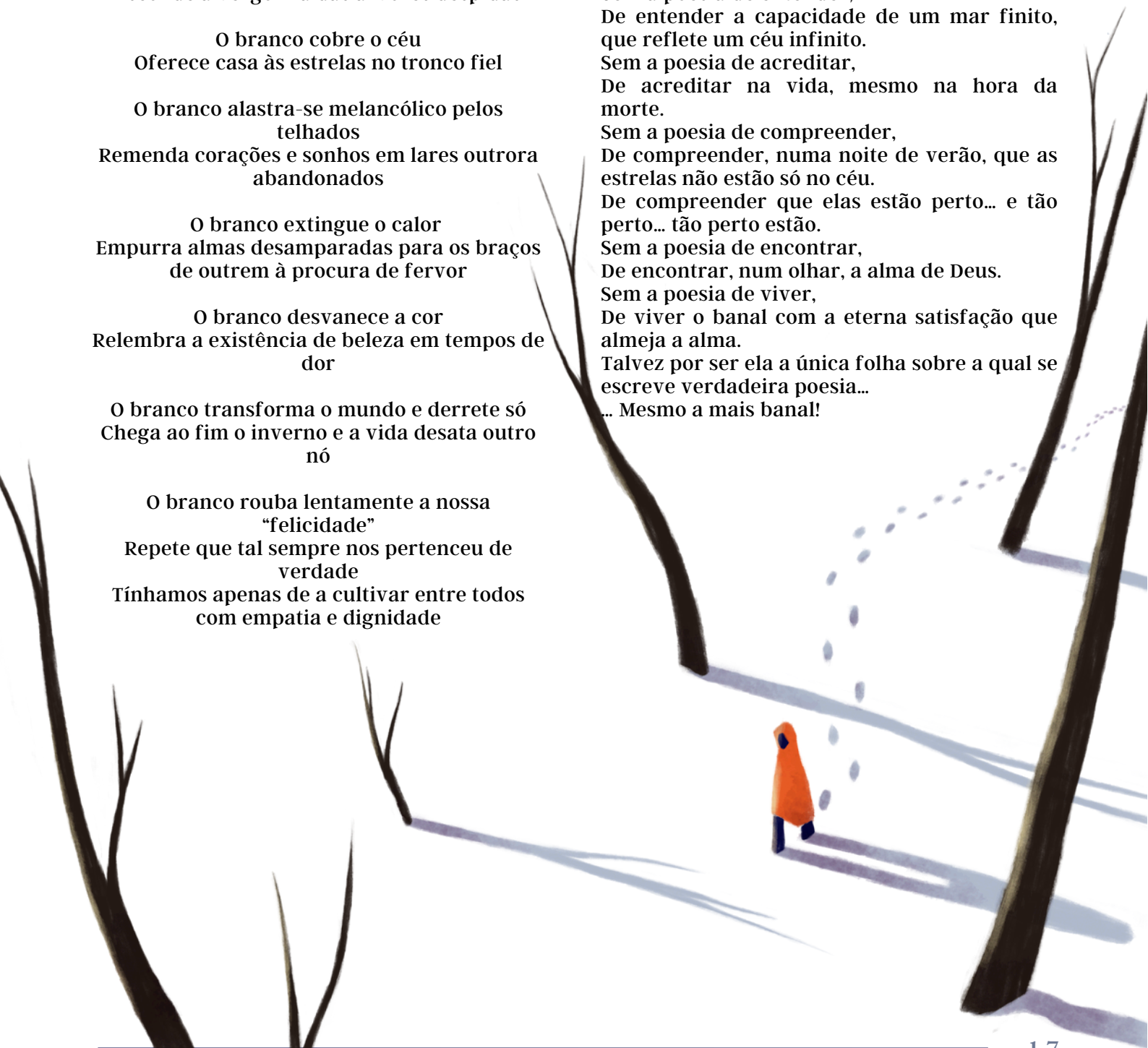
De compreender que elas estão perto... e tão
 perto... tão perto estão.

Sem a poesia de encontrar,
 De encontrar, num olhar, a alma de Deus.

Sem a poesia de viver,
 De viver o banal com a eterna satisfação que
 almeja a alma.

Talvez por ser ela a única folha sobre a qual se
 escreve verdadeira poesia...

... Mesmo a mais banal!



Isto não é sobre minhocas

Autoria: Diana Hdefonso

Edição: Eva Luna

Cartoon: Amarga

Coloquei um pé à frente do outro e, arbitrariamente, exerci uma ação nomeada de andar. Enquanto pensava no esforço nulo a que esta ação me expunha, comecei, de facto, a encontrar dificuldades motoras para continuar o meu caminho. Estava bloqueada — de mente e corpo.

Decidi projetar-me para o chão e, conseqüentemente, experimentar outra maneira de me deslocar. A verdade ocultada até aqui é que precisava de me despachar; tinha horários a cumprir. Desorientada, a minha atenção prendeu-se a uma minhoca que partilhava o mesmo chão que eu e, por ser uma condição natural humana, repeti os movimentos rastejantes daquele ser. A única coisa que me interessava é que tinha arranjado uma maneira de me apressar — fosse lá a que velocidade fosse.

Com a minha pseudo-metamorfose, compreendi a vulnerabilidade das minhocas e dos insetos em geral. Estes dão o seu melhor todos os dias para a sua corporação, vivem para trabalhar e morrem inevitavelmente por uma força maior. Acho esta crueldade extremamente injusta. Ainda enquanto minhoca, pensei em problemas de vermes anelares — os pássaros.

Circunstancialmente, pensei naqueles que, por não comerem minhocas e por partilharem o mesmo contexto geográfico que eu, são condenados a comerem restos — os pombos, pobres coitados, são a prova dura do egoísmo humano. Lembrei-me de todos os pombos que tinha visto na semana passada e do quão diferentes eles eram entre si. Até estes têm maneiras de se organizar; códigos de conduta de como viver em comunhão — ou não — com os seus criadores.

Ringggg

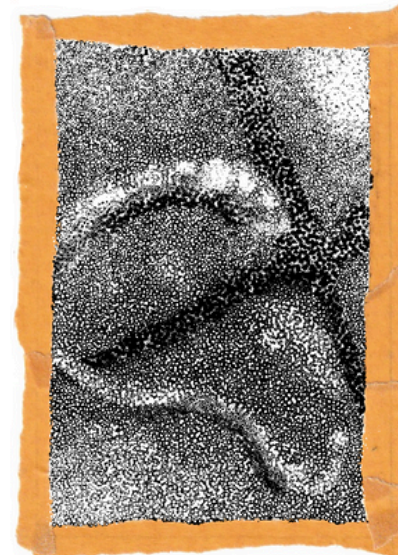
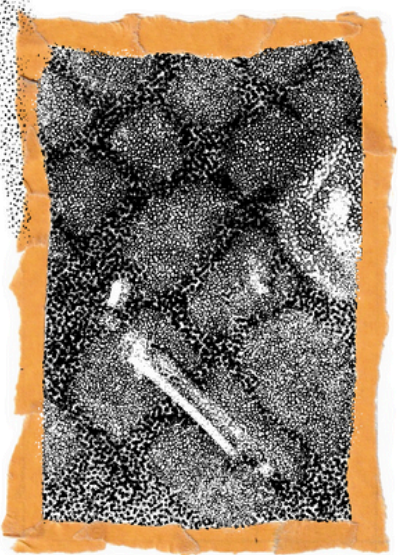
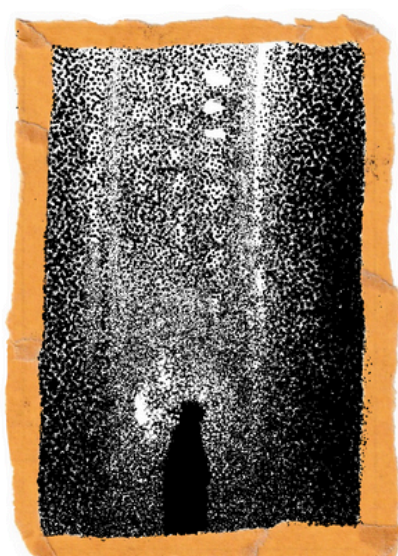
Subitamente, o meu telefone tocou. Era o imperador do sistema corporativista. Já tinha, com muita dificuldade, alcançado uma boa distância, mas certamente a minha peripécia matinal não seria justificada; por isso, decidi não atender. Por ter fome, decidi fumar um cigarro — o médico avisou-me que precisava de perder peso. Ainda no chão, contemplei

a formação das cinzas e o tempo proporcional que elas precisavam para desconstruir a industrialização daquele cigarro. Como senti o vento a manipular a prescrição natural daquele objeto, fumei outro. Ainda que a minha posição fosse de observador, não tolerava injustiças sociais. Certamente, o meu cigarro poderia comparar-se à minha amiga minhoca, pois também ela tinha o seu próprio ritmo para realizar tarefas.

Ao olhar para cima, vi monstruosos prédios a circular-me. No dia a dia, eu também era um monstro, mas, neste momento, sentia-me como uma minhoca — um ser dissidente fora da norma somática.

Se me perguntarem o que aconteceu depois, direi que não sei definir logicamente cada momento, apenas a partir de emoções. Lembro-me de sentir um vazio que gradualmente aumentou e um desgosto enorme por não ter conseguido salvar a minhoca que me acompanhou.

A. MARBOSA



Uma volta por Lisboa

Autoria: Porfírio Horta Peralta
Edição: Mariana Lameiro

Wilhelm van der Grün é um mercador flamengo que está agora, ao início desta manhã, a passar num barco pela barra do Tejo e se prepara para aportar aqui, em Lisboa, a cidade mais cosmopolita do mundo. Vendo já as colinas que se alevantam junto ao mar, todas cobertas com casas, um Castelo ali, várias igrejas pelo meio das casas e alguns palacetes também, ali vê o famoso Paço da Ribeira, onde o Rei-moço habita e sonha cruzar contra os mouros. Lisboa é um mundo em forma de cidade, única na Europa. Por toda a Europa, nos seus vários tons, as peles são brancas, mas Lisboa é cidade preta. Já se começam a ver as figuras escuras a andar nas ruas. Em Lisboa, é muito mal visto fazer trabalho manual e, por isso, até o mais pobre tem pelo menos um escravo, na sua maioria guinéu.

Maria Matilde é uma dessas. Escrava desde que era pequenina, lembra-se de ser vendida no mercado ao velho senhor Teixeira, que a batizara, nomeara e legara ao seu filho, João Eanes Teixeira, poucos anos mais velho que ela. Tinha-a como amiga próxima e comia à mesa com eles. João, quando ainda era vivo, caíra de amores pela filha dos Castro, a Joaninha. Foi Maria Matilde quem serviu de mensageira entre os dois e, por isso, Joaninha tomara-lhe amizade. Maria era uma espécie de irmã, mas uma que era também serviçal da casa, porém bem-tratada. Está já a preparar a refeição para os seus senhores: nada demais, um desjejum à base de aveia. E cá estamos nós, peçamos autorização ao senhor da casa se podemos comer com ele, agradeçamos a hospitalidade e as bênçãos de cada dia e comamos um pouco, que a nossa fome noturna morra.

É agora hora de sair para comprar as provisões da casa. Maria Matilde vai mergulhar nas profundezas de Lisboa. Vamos com ela — vai ser bom, certamente.

Saindo e andando pelas ruas, deparamo-nos pouco depois com uma taberna. Lá está um pobre homem... Bebe para esquecer: terão sido erros seus, má sorte ou amor ardente? O que é que levou este poeta à miséria? Ele que durante anos se esforçou

para escrever e cantar a grandeza do seu Rei, ele que lutou pelo reino em Marrocos e na Índia, ele que vive agora com uma pensão pelo que fez, uma pensão de soldado, o suficiente para que o épico poeta não passe uma semana sem comer. Ele está, no entanto, como sempre esteve. À sua esquerda, uma Lianor; à direita, uma Natércia e não esquecendo a Bárbara. Terão sido os amores loucos que o fizeram perder-se? No fim é isto: cantou aos grandes, ao Rei e ele não quis ouvir, canta agora aos portugueses, que endeusou no seu épico. Ali está e bebe, ele que conseguiu que o rígido Frei Bartolomeu Ferreira — que não é um censor qualquer, tem fama de não deixar passar a mínima heresia, não é como o Frei Barnabé Parreira, que deixa tudo passar — deixasse passar esta obra. Ora, dizem algumas pessoas que nisto poderá estar a mão do Cardeal Dom Henrique, que apoia a crítica que o autor — vamos dizer o nome dele, Camões — faz aos irmãos Câmara, jesuítas que influenciam El-Rei a seu favor. Há-de haver um dia em que esta ordem será corrida da cidade por cilada e traição, a eles lançada por um poder por trás do trono como hoje estes dois padres estão.

Maria Matilde vai já a chegar ao Rossio, aí fica o mercado. Está já a escolher os produtos em bancas suas conhecidas quando algo chama a atenção de todos. Um homem bem vestido — logo, rico — está no meio da praça e começa a despir-se. Dois frades correm para pará-lo. Ele deve ter perdido o juízo para se despir assim na rua.

— Não, irmãos, não estou louco! — diz ele. — Aliás, Deus sabe que eu nunca estive mais ajuizado do que agora. A todo o que me ouve, quero que saibam, eu sou Antão Teles de Meneses. Eu sou o terceiro da minha família à frente do negócio que nos enriquece há muito, sou muito rico, mas percebi que não é isso que devo ser. O meu avô teve dois filhos, o meu pai e a minha tia, o meu pai teve só um filho, e a minha tia teve só uma filha. Por 20 anos, eu e a minha prima fomos casados e nenhum filho ou filha nasceu. Quando a peste veio, eu tornei-me o último da minha família.

Enquanto meditava em tudo isto, percebi que São Francisco estava certo! Devemos ser como os apóstolos: pobres e totalmente devotados ao próximo, especialmente aos mais necessitados. E porque o que fazemos aos pequenos fazemos a Cristo Senhor Nosso, eu faço deles meus herdeiros! Vendi o meu negócio e todos os meus bens, restou-me este gibão e todo este ouro. Tudo isto é para os meus herdeiros. Por isso dispo este gibão e peço humildemente a vós, meus irmãos, que me aceiteis na vossa ordem de frades sob a regra de São Francisco de Assis e que distribuais estes bens por aqueles que mais precisam.

Todos começaram a aplaudir e a dar graças a Deus. Já ninguém via nele um doido, mas um santo; pois não lança as coisas fora, mas entrega-as a quem delas precise. Os frades levam-no até ao convento onde o tomam como noviço. Será dele umas calças, um hábito e creio que mais nada. Irá ser noviço até que de facto seja certo que esteja capaz de tomar os votos e tornar-se frade franciscano.

Maria terminou as compras, há um enforcamento. Caso polémico: um homem apanhado a falsificar documentos, que, se não se soubesse de antemão a sua falsidade, não se perceberia que não eram verdadeiros. Este homem, durante o julgamento, afirmou que tomara votos num mosteiro na Beira. Ora, se é verdade (e ele apresentou alguns documentos que dizem que é), ele não pode ser julgado nestes tribunais. O caso chegou ao arcebispo e ele quer que se averigue, que o transfiram para a prisão eclesiástica e que o julguem num tribunal eclesiástico. Contudo, o meirinho recusa-se e pediu ao Rei que expresse o seu parecer (só o Rei pode condenar à morte): o Rei deu voz de execução. Assim, o patíbulo espera pelo monge. O povo protesta: um clérigo não deve ser tratado como um simples criminoso.

— Libertem-no! — diziam, enquanto ele subia ao patíbulo.

— Últimas palavras — disse o carrasco, Joaquim Antunes Carrasco.

— Povo de Lisboa, vós haveis defendido a minha honra incansavelmente. Agradeço-vos, mas não quero que na minha morte haja mentira. Já passei uma vida a mentir e hoje irei morrer como tordo na buiz.

Por isso, a verdade é que eu nunca fui monge nem padre. Menti. Menti achando que salvava a pele, mas mentir não compensou. Adeus.

Escusado será dizer o que segue o adeus.

Maria Matilde segue pelo babel que é Lisboa. “Pode-se acreditar que aqui dá para ouvir todas as línguas do mundo”, ela pensa nisto quando embate num homem.

—Mijn excuses, mevrouw.

— Peço desculpa, meu senhor.

Nenhum sabe a língua, mas percebem ou esperam perceber o que o outro disse.

Continuam os caminhos, nesta cidade de mil ruas sinuosas. Talvez venha um dia em que as ruas se vão. Talvez o fogo, o mar ou um empreiteiro, mas certamente alguém ou algo (ou ambos) farão desta zona junto ao Terreiro do Paço uma zona mais racionalmente construída, com prédios iguais e ruas espaçosas, em vez de um labirinto.

Ao fim do dia, está Wilhelm numa estalagem e Maria Matilde a cuidar da casa dos seus senhores. Mais um dia vivido, menos um dia para o fim.

Esta é Lisboa. Muito se passou, muito se passará, muito se pode dizer, muito se pode calar. Mais acima temos o Chiado, frade eborense desfradado que é poeta. Um meteorito rasgará os céus e todos dirão que é sinal qu’El-Rei Sebastião não deve ir fazer guerra aos mouros — exceto ele, que vê nisto um sinal de que deve ir com todos os seus homens lutar contra os mouros de Marrocos. Hão de chegar notícias: “o Rei morreu”, “a rainha morreu”, “vêm aí os espanhóis, os franceses, ingleses, portugueses”...

Assim é Lisboa.

7 de julho de 2024

Mon Âme

Autoria: Ana Marta Cabrita
Edição: Laura Santos

— O Alex está novamente a olhar para ti — a voz da minha melhor amiga retirou-me do tédio que aquela professora me causava.

Eu revirei os olhos antes de deitar a cabeça nos braços, cansada de toda aquela situação. Ultimamente aquela frase tinha virado costume. Nunca consegui perceber o que se passava na cabeça daquele rapaz, mas, depois daquele dia, tudo o que eu achava que sabia foi por água abaixo. Alexandre Viorica devia ser somente o meu inimigo de infância... Como é que chegámos a este ponto?

— Ele parece triste — tentou Sara novamente chamar-me à atenção.

— Ignora.

— Não se vão resolver?

— O que é que há para resolver?

Inspirei fundo. Eu sabia exatamente a resposta para essa pergunta, mas o medo do que viria de uma conversa era maior.

Eu e o Alex conhecemo-nos com quatro anos num pequeno parque perto das nossas casas. Não foi uma história bonita de duas crianças que se conheceram e ficaram amigas pelas seguintes décadas, mas sim uma feia, *bem feia*.

Resumidamente, enquanto brincava num baloiço, fui empurrada e acabei por partir os meus dentes da frente. E adivinhem quem me empurrou? O Alex idiota Viorica. Daí para a frente, as nossas vidas interligaram-se de diversas maneiras — colegas de mesa, os melhores da turma, a líder da claque e o melhor jogador da equipa de futebol —, mas sempre adversários, eternos rivais. Mesmo assim, por razões estranhas, sempre pareceu que existia alguma coisa — como um fio invisível — que, por mais que quiséssemos, atraía-nos nos momentos em que mais precisávamos. Como quando fui rejeitada por quem gostava e ele simplesmente decidiu chatear-me o juízo para irmos à praia ver os fogos de artifício, ou quando ele levou uma tarefa dos pais e eu senti que devia cuidar dele, apesar de até hoje não saber o porquê de sentir aquilo.

Foram catorze anos de encontros e desencontros. De dias em que implicávamos como inimigos, outros em

falávamos como confidentes e outros em que fingíamos que o outro nem existia. Sempre foi confuso, mas, no fundo, acho que nenhum de nós se queria mesmo afastar. Mas agora tudo mudou, graças *àquela* maldita frase.

Ouvi o som do toque e resmunguei, desejando não ir para casa. Sara bateu na parte de trás da minha cabeça, avisando que ia embora, então agarrei na minha mochila e segui de cabeça baixa atrás dela. Graças a Deus, ela conhece-me suficientemente bem para saber que eu não estava disposta para conversas, então não tentou puxar quaisquer assuntos até à saída da escola, local onde nos separámos.

Despedi-me dela e olhei para o horizonte, observando a forma como o céu mudava em certo ponto de amarelo e laranja para roxo e azul-escuro. Sem pressa alguma para o começo do fim de semana, segui em passos lentos pela rua, com a cabeça ainda nos seus cabelos tingidos de loiro platinado e olhos de um azul tão límpido como a água, sempre cheios de diversão — mas que vira encherem-se de desespero. Sei que devia parar de pensar nele, que já nada era como antes, pois aquele momento havia mudado tudo. Mas estava a ser mais difícil do que eu esperava. Ouvi alguns passos atrás de mim e tentei ignorar o facto de eles serem demasiado familiares. Não podia ser ele, o seu orgulho não permitiria que...

— Vi — parei, com o coração mais rápido que um carro de corrida.

Os passos tornaram-se mais intensos à medida que se aproximava de mim. Virei o corpo no mesmo instante em que Alexandre Viorica parou a poucos centímetros de mim. Os seus olhos adiantados transmitiam os mesmos sentimentos que andava a tentar resguardar nos últimos tempos — a tristeza, a saudade, o receio...

— O que queres, Viorica? — *tens de sair daqui antes que nos afundemos mais*, pensava para mim.

— Uma resposta — a sua voz, sem nenhum sinal de brincadeira, causou-me um arrepio que tenho a certeza que não lhe passou despercebido.

— Não me fizeste nenhuma pergunta.
— Mas fiz uma declaração, *Mon Âme* — aquela alcunha atingiu-me em cheio. — E preciso de uma resposta...

Alex deu mais dois passos na minha direção. O seu braço estendeu-se até me alcançar e a sua mão tocou no meu rosto, incitando-me a fechar os olhos com a calidez desta. As suas mãos eram sempre quentes. Pouco importava se fizesse um calor infernal e estávamos a lutar pelo último gelado do bar da escola ou um frio de rachar e estávamos num abraço que ninguém conseguia perceber — nem nós. Senti o toque da sua testa sobre a minha e inspirei fundo o seu perfume que, por mais que não quisesse admitir, perseguia-me sempre em sonhos.

— Vou repetir o que disse naquele dia.

— Vais gritar? — provoqueei e ele riu.

— Não, agora vou dizer devagar. Para que até uma idiota que perdeu novamente o lugar da melhor da turma entenda — quis bater-lhe, mas segurei-me ao ouvir a sua voz ficar mais profunda. — Vitória Albuquerque, sempre foste muito inteligente, mas, quando se trata de nós, tu nunca notaste aquilo que eu sinto por ti. Aquilo que venho tentado demonstrar em catorze anos de inimizade.

Abri os olhos ao senti-lo afastar-se.

— Sei que não acreditas que podes ser amada, mas eu peço-te: dá-me uma oportunidade de demonstrar como é amar e ser amada da forma correta. Deixa-me... Deixa-me amar-te como tenho feito durante todos estes anos. Eu... amo-te, *Mon Âme*.

As famosas borboletas no estômago já tinham levantado voo há muito tempo. Desde o dia em que o Alex me tinha gritado aquelas palavras que tudo o que sinto é medo. Como é que tínhamos chegado àquele ponto? Quando é que a nossa rivalidade se tinha transformado em sentimentos tão profundos e maravilhosos? E como seria tudo dali para a frente? E se corresse mal?

No entanto, todas aquelas preocupações que queimavam no meu peito desapareceram no instante em que decidi mandar tudo para o 'cu de judas' e juntar os nossos lábios. As preocupações em relação a tudo podiam ficar para depois. A única coisa importante era aquele

momento, aquele toque e o rapaz que não sei em que momento comecei a amar.

— Acredito que isso seja uma boa resposta — ele abriu um gigantesco sorriso.

— Acho que vou precisar de mais alguns beijos para poder confirmar isso — puxei as suas bochechas.

— Isso dói, Vi! — ele resmungou.

— Alex... — larguei as suas bochechas. — Amo-te.

O idiota sorriu novamente e abraçou-me antes de me beijar outra vez, como se aquele gesto fosse a confirmação do recomeço das nossas vidas.

A Lenhadora

Autoria: Caim
Edição: Lourenço Ramos

Capítulo I

As cascas de maçã já cortadas caíam em cima do meu peito, na camisa já feita em trapos. Há semanas que estava a procrastinar fazer a cama de lavado e o meu pai fazia questão de me relembrar todos os dias. Naquele momento, era incapaz de me focar em outra coisa sem ser o trotar da cavalgadura que ressoava no exterior da nossa pequena casa, permitido pelas janelas escancaradas. As temperaturas altas do dia solarengo amoleciam-me, deixando-me quase catatónica. Assim permanecia apática, enquanto fixava a fruta descascada com o meu olhar.

Assim que trinquei a maçã, ouvi o meu pai vociferar:

— Apolónia! — abriu a porta do meu quarto, ficando ali especado e autoritário, como sempre foi. — O senhor Álvaro ofereceu cinco dinheiros cada pelo dia. Vem comigo.

Fitei-o, curiosa:

— O escudeiro? — trinquei a maçã novamente.

Ao invés de me dar uma resposta, ajeitou o seu casaco e fechou a minha porta forçosamente. Suspirei, agora apressada para acabar de comer. Jamais terei descanso, pensei com desgosto enquanto me levantava. Alonguei o corpo assim que acabei com a maçã, lançando o caroço pela janela fora.

— Balde! — um grito estridente ecoou pelas ruas. O som de água misturada com múltiplos excrementos embateu, não no chão, mas em cima de outra pessoa.

— Maldita! Olhai bem para onde mandais essas imundícies! — um homem que parecia soar bem mais velho resmungou de volta. Pessoalmente, eu preferia levar as sujidades até ao rio e despejá-las onde ninguém visse. Sentia um certo pudor que mais ninguém parecia partilhar.

Entretanto, dirigi-me à cozinha procurando limpar a cara e as mãos e, de seguida, olhei-me no reflexo da água potável. Estiquei as minhas olheiras com os indicadores. Pareciam ainda piores do que na semana passada, porém, não tinha

a certeza. Não conseguia vê-las assim tão bem. Sabia, somente, que eu tinha cabelos longos pretos, uma franja fina e uma cara irregularmente esbelta. A quantidade de homens bêbados e sóbrios que já tive de afugentar com o machado era absurda.

O meu pai fazia questão de comentar que eu tinha saído à minha mãe quando nos sentávamos à mesa juntos e rezávamos antes de nos alimentarmos. Às vezes, quando ele bebia vinho rasca a mais, olhava para mim solenemente e lágrimas vinham-lhe aos olhos. Mesmo assim, nunca o vi chorar.

A porta da frente estava aberta quando ele voltou a entrar em casa.

— Tens pão na mesa — disse, depois apontou para o balde que tinha na mão — e o leite acabou de ser ordenhado. Senta-te lá para nos despacharmos e irmos — ambos comemos em silêncio, mastigando o pão duro, quase a roçar no bolorento.

Ainda não me habituei ao cheiro a mofo entranhado nas paredes envelhecidas que nos rodeavam. A tinta começava a descascar com a humidade acumulada no teto encarquilhado, caindo no chão seco e desbotado. Das poucas posses que tínhamos, só algumas se mantinham intactas. Com a ajuda dos raios luminosos que penetravam pelas janelas, contemplava as partículas de pó dançando livremente dentro da cozinha. Pousavam em todo o lado, o que piorava as alergias do meu pai. Assim o acompanhava, distraíndo-me com o que quer que me aparecesse à frente.

Logo nos levantámos, cada um indo para o seu quarto. Teimosamente, aprisionava um pedaço de pão no meio dos meus dentes amarelados enquanto olhava em volta de modo caótico.

— Onde é que os meti... — murmurei. Após segundos, parecendo séculos, a minha mira já treinada focou no seu alvo. Tinha deixado o material debaixo da cama. Agachei-me ligeiramente para agarrar o arco e as minhas flechas, afivelando o machado desgastado à cinta de couro.

— Não temos o dia inteiro, Raposa! —

— repreendeu ele, já à porta.

— Já estou a ir... — respondi, irresolutamente.

Assim que saímos de casa, um cheiro abominável penetrou as minhas narinas.

— Para quê essa cara? — perguntou o meu pai.

— Não sentes? — coloquei a parte de trás da minha mão contra o meu nariz.

— És tão dramática, Raposa... — abanou a cabeça, desapontado. — Ainda vamos ter de andar um bom bocado, vai-te preparando — deu uma cacetada bruta nas minhas costas e gargalhou com vontade, limpando a garganta ruidosamente.

O céu começava a revestir-se de nuvens carregadas e cinzentas, ameaçando destruir as colheitas dos agricultores, enquanto as vozes altas ecoavam pelas ruas, cada uma tentando vender algo diferente. As minhas botas levantavam pó, distorcendo o que via à minha frente. Sucessivamente, o som da minha munição pendurada às costas recordou-me de algo.

— Tenho de comprar mais flechas. — comentei com o meu pai.

Em vez de me acompanhar, encostou-se a uma parede.

— Sê rápida. — avisou o rabugento. Entretanto, a chuva começou a precipitar-se pouco a pouco, humedecendo a cabeça calva dele. Assenti com a cabeça e dirigi-me à pequena tenda encarnada, onde o hipnotizante tilintar de amuletos embalou-me momentaneamente mal cerrei os olhos.

— Olha quem é! — José, um velhote amigável com um sorriso doce, sentava-se na sua cadeira feita à mão, baloiçando lentamente. Mantinha, sem pressa, o ritmo dos seus objetos cintilantes. — Não te via há molhos, Calcinhas.

Reparei, como se fosse pela primeira vez, nas minhas calças delidas. Os joelhos espreitavam pelo tecido roto e desbotado.

— Senhor Zé, como é que vai? — perguntei com um certo afeto no tom de voz.

— Como sempre, guixo e esperto — levantou-se da cadeira, alongando o seu corpo tenso. — E tu? O Artur ainda não te arranjou uma saia que se preze? Ai, ai! Esses farrapos tão brutos! — pegou no cinto, de peito cheio.

— Saias dificultam a caça. — expliquei pacientemente.

José suspirou e estendeu a mão sobre as

suas vendas.

— Lá nisso tens razão — não voltou a comentar mais nada. — Diz-me, de que precisas, Calcinhas?

Olhei com atenção todos os arcos, flechas e punhais. Um irracional fascínio preenchia-me a alma, parecendo sempre que era a primeira que me deparava com estes instrumentos sedutores. Os machados e as navalhas reluziam de tão bem afiados que haviam sido. Demorei um pouco para lhe responder, porém logo me decidi.

— Preciso de umas flechas novas. As minhas já estão gastas.

— Quantas? — dirigiu-se às flechas mais cuidadosamente conseguidas.

Retirei a aljava do ombro e verifiquei a condição de todas elas.

— Seis — concluí, por fim. — Não tenho dinheiros suficientes para pagá-las todas neste momento, mas prometo que volto a passar aqui para matar a dívida ao fim do dia.

— Sem problemas, Calcinhas. Põe-te a andar! — apontou para o meu pai com um sorriso malandro.

A viagem não foi tão custosa como eu esperava. Na verdade, um fluxo de divagações distraiu-nos da melancolia do agressivo vento português. Um rapaz, por volta dos seus dez anos, corria atrás de uma mulher magra e altiva, provavelmente sua mãe. Ambos estavam impecavelmente bem vestidos. O vestido dela parecia caro, costurado de tecido púrpura, sendo cuidadosamente adornado por fios de prata, tal como os trajes coloridos do pequeno menino.

— Espera por mim! — gritava ele, desesperado. A minha face endureceu, o olhar tão vazio de calor que até a morte se congelaria ao encará-lo. A mãe do garoto mal quis saber de mim nem do meu pai.

Repentinamente, ele caiu. Choro ecoa pela ventania impiedosa, assobiando aos meus ouvidos. Dirigi-me ao pobre rapaz, pouco a pouco, assim que me apercebi de que ela não pararia para o ajudar. Ajoelhei-me e fiquei a olhar para ele, à espera de que ele parasse de soluçar. Logo, ele olha para cima, irises reluzindo com uma surpresa infantil.

O meu cérebro comandou à minha mão que o confortasse, para que ela acariciasse aquele cabelo, já despenteado pelo

temporal. Um sorriso apareceu na carinha cheinha dele, aquecendo o meu coração gélido.

— Afasta-te do meu filho! — a mulher esguia manteve-se de queixo erguido, sem deixar espaço para argumento e, de seguida, agarrou-lhe a mão, guiando-o para longe da minha pessoa.

Suspirei, seguindo o rapaz com os meus olhos.

— Anda, Apolónia. Perdemos muito tempo precioso com este circo todo — interveio o meu pai.

Assenti com a cabeça, limpando a terra da minha roupa. Levantei-me e continuamos a nossa jornada.

·*☆

A madeira estava seca, fácil de cortar. O escudeiro havia sido útil. Em vez de nos deixar à deriva com o material que devíamos recolher, levou-nos logo a ele. Este escudeiro vivia longe do centro da pequena vila, junto a uma grande casa, provavelmente habitada pela família nobre que de nós dependia para as obrigações feudais. Às vezes, enquanto partia a lenha, fixava-me na amplitude daquela propriedade. Nunca os tinha visto pessoalmente, mas ouvi, sim, falar deles.

Os Bragança viviam em reclusa, longe de toda a gente ou, melhor dizendo, longe do povo. A relva estava bem tratada, os relinchos dos cavalos nos estábulos ouviam-se de onde eu trabalhava, tal como os sons dos animais na quinta, um pouco mais distante. Arregacei as mangas, limpando o suor da testa com o braço. Levantei o machado, atacando a madeira estilhaçada. Troquei olhares com o meu pai, recebendo um sorriso de aprovação. Arrogantemente, sorri de volta.

O som de rodas ressoou um pouco mais tarde, chamando a minha atenção. Quando aquela carruagem imponente passou, algo em mim mudou, algo que ainda não sou bem capaz de explicar. Era castanha-escura, tão escura como a madeira molhada que o meu pai me costumava mostrar quando eu era só uma menina. “Não podes utilizar este tipo de madeira para acender uma fogueira. A água vai enfraquecer a inflamabilidade do material”, ensinava ele. Os padrões eram

estranhos, dourados e detalhados como nunca visto. Querubins semelhantes aos que sobrevoavam no teto da capela local decoravam as portas, trompetes firmemente agarradas pelas suas mãozinhas rechonchudas. Soube de imediato que quem quer que estivesse dentro daquela jaula de jóias pertencia à nobre família de Bragança.

A janela estava aberta, oferecendo-me uma oportunidade deveras única para espreitar lá dentro. Cabelos louros esvoaçavam pelo ar, cabeça apoiando-se no parapeito. Foi pura sorte, mal fui capaz de processar o que aconteceu. A rapariga possuía beldade tal que, a certa altura, parei de respirar. Era pálida, parecia jamais ter sido tocada pelo beijo solar. As maçãs do rosto dela eram salientes, concedendo-lhe uma inerência aristocrática e, para agravar, esboçou um sorriso malicioso como se tivesse adivinhado o que eu estava a pensar. A figura dela era tão perfeita que me deixava atordoada.

Desembainhei o machado do último pedaço de madeira, deixando-o cair no chão de tão fracos que os meus braços se haviam tornado. No entanto, a minha admiração rapidamente se transformou num frio ceticismo.

Os olhos dela fixaram-se nos meus, fazendo com que estranhos calafrios percorressem a minha espinha. Eram verdes como esmeraldas polidas pelos melhores lapidários. Porém, não transmitiam nada senão uma arrogância divina. Franzi as sobrancelhas, voltando a pegar no meu machado. Ela continuou a olhar para mim, cruel, calculista... Decidi, então, começar a arrumar a madeira na carroça.

À Tua Porta

Autoria: Matilde Mala
Edição: Ricardo Cerdeira

Estou aqui parada à tua porta.

A mesma porta que abriste quando te vim buscar para o nosso primeiro encontro. Tínhamos combinado ir ao cinema e eu ansiava desesperadamente por te ver. Lembro-me de achar a porta da tua casa a mais bonita da rua. Aos olhos de qualquer um, poderia não ser nada de especial. A madeira já estava meio gasta, provavelmente de todas as tardes em que o sol lá batia, sem qualquer sucesso porque nunca conseguia entrar. Mas mesmo assim, deixou-me enamorada.

Confessaste-me que sempre foste bastante relutante quanto a ter visitas em casa.

– Receio que julguem a minha decoração. Metade disto foi herdado da minha avó – , disseste, rindo, apesar de ter sentido uma pontinha de vergonha na tua voz.

Isto tudo depois do *Dune*, filme que nunca despertou o meu interesse, mas a que dei uma oportunidade, porque adoravas ficção científica.

– Não penses assim. Pensa que tens artefactos *vintage* – respondi-te, sorrindo, na tentativa de te fazer sentir melhor. Até hoje não sei se resultou, mas ao menos passaste a abrir as cortinas (que também eram herdadas) mais vezes.

Apreciei ainda mais os detalhes da porta quando a pintámos, na semana depois de me convidares para viver contigo, quase um ano depois do nosso primeiro encontro.

– O que achas de azul? – perguntaste-me.

– É uma cor um bocado chocha.

– «Chocha»? Como assim «chocha»?

– É uma cor assim meia tristonha, sei lá. Nunca gostei muito dela.

– Sim, percebo – não me pareceste muito convencido. – O que sugeres, então?

– Diria assim algo em tons de verde! Ficaria mesmo bem.

E ficou perfeito.

Pouco tempo depois dessa conversa, encontrámos um verde esmeralda deslumbrante. Aquele tom estava em completa harmonia com o dourado que se agarrava à maçaneta e ao olho mágico.

Foi o verde esmeralda que passou a receber-nos depois de todos os nossos passeios à Avenida da Liberdade, dos jantares (por vezes demasiado caros, mas

que adorávamos porque nunca nos deixavam loiça para lavar), das contínuas idas ao cinema, que se tornaram uma tradição, e dos almoços familiares chatos. O mesmo verde esmeralda que nos dava as boas-vindas também marcava o início da nossa troca de sorrisos que te levava a roubar-me um beijo ou outro, enquanto descalçava os dolorosos saltos que adoravas. Foram muitas as vezes em que sacrifiquei os meus dedos para receber um «Nunca te vi tão linda» da tua parte. Mas valeram a pena. Olhava para as minhas feridas com carinho porque cada uma delas me lembrava de ti.

Esta é a porta que eu abri com a chave que me deste, todos os dias depois do meu trabalho. Assim que subia os três degraus e dava de caras com o verde, ficava sempre um pouco mais feliz: para mim, este tom passou a ser sinónimo de «casa» e «amor». Dizem por aí que é a cor da esperança. Lembrava-me dela como a esperança de te ver depois de um dia de reuniões chatas; a esperança de me confortares quando estava insegura sobre o meu futuro; a esperança de que o teu beijo me curasse todos os males e a esperança de que o nosso amor durasse para sempre.

– Gostas de esmeraldas?

– Tu gostas?

– Eu adoro. Sempre foi a minha pedra favorita.

– Então também é a minha favorita – disseste-me enquanto me acariciavas o cabelo.

Não me lembro se te contei, mas a esmeralda é ainda uma das jóias mais raras do mundo. Ligava essa raridade ao nosso amor. Ao romance tão íntimo que proporcionaste. Àquela relação com que sonhava desde os 16, evidentemente influenciada pelas comédias românticas que maratonava depois das aulas. Tu fizeste isso acontecer com o simples gesto de me abrires a porta.

Estou aqui parada à tua porta.

A mesma porta que encarei quando a fechaste durante uma discussão parva. Até hoje não percebo o que despertou aquela tua indiferença. Não sei. Não me lembro de nada, senão o medo de te perder que senti,

enquanto me desprezavas no corredor entre a sala e a cozinha. Como poderia algo tão íntimo desaparecer assim? Apenas guardo comigo os «Isto já passa» que fui interiorizando, à medida que as lágrimas me escorriam dos olhos. Não sei. Provavelmente perdeste o interesse ou desapaixonaste-te e simplesmente não sabias lidar com isso. Será que achavas que seria passageiro? Será que eu fiz algo errado? Não sei mesmo.

Estou aqui parada à tua porta.

Dois meses depois desse nosso desentendimento, tivemos a pior das nossas discussões, fruto de um episódio de ciúmes. Há semanas que te sentia distante e tinha as minhas desconfianças. Quando te falei delas, exaltaste-te e saíste de casa. Nunca na minha vida me senti tão mal por ter partilhado os meus receios. «Deveria ter guardado isto para mim?» pensei, à porta de casa, com o meu olhar pousado em ti. «Será isto passageiro?» passou-me pela mente, ao mesmo tempo em que reparei numa racha por cima da maçaneta.

Estou aqui parada à tua porta.

Perante os meus olhos, já não vejo nenhum verde esmeralda, mas um azul índigo tão escuro que mal reflete a luz dos candeeiros aqui da rua. Enquanto numa mão seguro a caixa com os meus últimos pertences, a outra toca na racha que nunca conseguiste tapar. Mesmo depois de todos os meus esforços, o meu amor não te foi suficiente. Ainda tenho umas marcas nos calcanhares e sempre que passo pelo cinema, penso em ti. Nunca me habituari ao calor do teu espaço. Deixaste-me feridas que me acompanharão ao longo da vida e que dificilmente cicatrizarão.

Estou aqui, parada à tua porta. Pergunto-me se um dia ela realmente também foi minha.



CHACINA DA PROPIN



Cara de Duas Faces

Autoria: Beatriz Brito
Edição: Maria Rodrigues

Jano, na mitologia romana, era o deus das portas, portões, passagens, transições e dos começos e fins. Ele representava o meio-termo entre dualidades — tanto concretas quanto abstratas — como vida e morte, guerra e paz, juventude e velhice. Era conhecido como o iniciador das transformações, o mediador entre cada uma das fases da vida e das mudanças de eras históricas. Segundo a tradição, Jano governava e supervisionava todos os momentos de transição, tanto pessoais quanto sazonais: casamentos, colheitas (pelo desejo de sucesso na renovação de um novo ciclo plantio), nascimentos e o início do ano. Além disso, Jano foi considerado o principal regente do Lácio. Lá, o dinheiro gerado pela agricultura impulsionada pelo deus foi muito importante, reforçando a sua associação à atividade agrícola na Idade do Ouro.

É por isso que se acredita que o primeiro mês do calendário juliano e gregoriano — décimo-primeiro mês do calendário de Numa Pompílio —, chamado janeiro (*Ianuarius*), é dedicado a ele. O seu festival ocorria a nove de janeiro e era chamado de Dia Agonium. O nome vem do latim *Ianus* e a sua simbologia expressa os inícios, recomeços e o olhar voltado para o futuro — um tributo direto ao deus que abre os caminhos e os ciclos. Jano era invocado como o primeiro de todos os deuses em relação às liturgias regulares (celebrações públicas pré-definidas de uma religião) e tanto o início do dia quanto o início do mês ou do ano eram sagrados a ele. Na Roma Antiga, também se acreditava que Jano participava nas passagens da juventude à vida adulta, sendo invocado em momentos decisivos de transformação e amadurecimento.

Como deus dos portões, Jano zelava pelas portas do céu e concedia acesso aos outros deuses à passagem divina, razão pela qual era invocado em praticamente todos os rituais e cerimônias romanas. O seu culto remonta ao tempo de Rômulo, o fundador de Roma, quando Jano era considerado protetor das portas da cidade e dos limites

sagrados, *pomerium*, a fronteira simbólica de Roma. Em Roma existiam bastantes *janis*, que eram portões cerimoniais e que normalmente eram estruturas independentes usadas para entradas e saídas vantajosas ou promissoras (simbolicamente). Eram associados a Janus por serem passagens físicas e Jano ser o guardião das passagens simbólicas. Além disso, a palavra *ianua* (porta) vem da mesma raiz que *ianus*, o que cria uma relação etimológica.

Existiam diversos templos dedicados a Jano, cuja importância era relevante para a sociedade antiga. Presume-se que no Janículo (ou em latim *Janiculum*) permanecia o centro do culto do Deus, pois na mitologia romana esse era o nome da cidade fundada por Jano. Já que a cidade era no topo duma colina, com uma posição elevada, esta era o lugar ideal para os *augures* (sacerdotes da Roma Antiga que interpretavam os movimentos das aves e retiravam dessa ação presságios) observarem os *auspícios* (um sinal dos Deuses). Júpiter tinha a função de enviar os sinais para os *augures*, mas Jano estava diretamente ligado ao começo do ritual, porque nenhum ritual religioso romano podia ocorrer sem antes invocar Jano. Sendo assim, Jano abria o rito e só depois os outros deuses atuavam dentro dele.

O mais célebre de seus templos era o Portão de Jano (*Ianus Geminus*), no lado Norte do Fórum Romano. Este santuário simbólico possuía duas portas, uma em cada extremidade, que permaneciam abertas em tempos de guerra e fechadas em tempos de paz. No interior, havia uma estátua do deus. O gesto de abrir ou fechar o templo tinha um significado político e religioso, representando o estado da cidade e o próprio limiar entre o caos e a ordem. Durante o Império, o fecho das suas portas era usado como símbolo da *Pax Romana*, especialmente sob o reinado de Augusto, que usava o templo em argumentos a seu favor. O historiador Tito Lívio¹ diz que durante o período entre Numa Pompílio (séc. VII a.C.) e Augusto (séc. I a.C.) os portões foram apenas fechados duas vezes.

A representação de Jano é um dos aspetos mais complexos de sua simbologia. Ele

aparece geralmente com duas faces voltadas em direções opostas — uma olha para o passado, a outra para o futuro. Essa duplicidade traduz a capacidade de contemplar dois tempos simultaneamente, o que faz dele uma metáfora da consciência temporal humana. Algumas versões antigas mostravam as duas faces como masculina e feminina, sugerindo o equilíbrio entre opostos (como Sol e Lua, ou razão e intuição). Com o tempo, porém, as representações tornaram-se mais semelhantes, indicando a unidade entre juventude e velhice, experiência e renovação.

Além da forma bifronte, existia também o Jano Quadrifronte (*Janus Quadrifons*), com quatro rostos voltados para os quatro pontos cardeais — símbolo de domínio total sobre o espaço e o tempo. Entre os seus atributos figuram as chaves, que expressam o poder de abrir e fechar ciclos, e o cetro, que indica sua autoridade sobre todos os inícios. Cada traço do seu aspeto é um símbolo do tempo vivido: o portal, o limiar, o instante em que o velho se transforma em novo.

Com o passar dos séculos, Jano transcendeu o culto religioso e tornou-se uma figura simbólica e filosófica. Na Idade Antiga, podemos observar o Arco de Jano que foi construído no início do século IV. O monumento tem quatro fachadas e remete à iconografia de Jano Quadrifronte (*Janus Quadrifons*), simbolizando a vigia sobre todas as direções e também as estruturas e templos reais relacionados com Jano em descrições históricas da Roma Antiga.

Na Idade Média, foi reinterpretado como alegoria do tempo e da conversão. Podemos associar, por exemplo, as suas duas faces ao Antigo e ao Novo Testamento ou ao pecador e ao convertido.

No Renascimento, os humanistas resgataram-no como símbolo da sabedoria e da consciência histórica: o homem que olha para o passado para compreender o futuro. Isto pode indicar-nos alguma influência de Jano na mentalidade da época, já que alguns artistas do Renascimento exploraram esta noção de perspectiva e de tempo inspirada nesse olhar duplo. Claro que isso poderá ser visto como um olhar moderno do trabalho renascentista, porque não existe nenhuma

prova concreta ou estudo fidedigno que comprove algum tipo de inspiração em Jano no trabalho de, exemplificando, Piero della Francesca, com *O Duplo Retrato dos Duques de Urbino*. Nesta obra, o pintor explora a perspectiva e o olhar duplo, tal como a dualidade dos extremos. Este quadro faz lembrar as antigas versões de Jano, em que as suas faces eram uma masculina e a outra feminina. Apesar de em Jano as faces olharem para lugares opostos, em Piero as faces olham-se frente a frente.

Nos dias de hoje, tornou-se uma imagem da identidade dividida, da dupla natureza humana e da consciência de si, algo que inspira filósofos, artistas e poetas. Na psicologia criativa existe um conceito chamado de “pensamento janusiano” que se refere à capacidade de conceber simultaneamente ideias opostas ou contraditórias. Esse conceito foi desenvolvido por Albert Rothenberg. Em 2021, o professor de estratégia da Warwick Business School, Loizos Heracleous, publicou um livro onde fala de uma estratégia conduzida por esse pensamento janusiano. Ele considera-a capaz de ser aplicada por várias empresas, como, por exemplo, a Apple. O professor dá-lhe o nome de Janos em homenagem ao deus romano.

Já na arte e na literatura, Jano inspira reflexões sobre identidade, tempo e autoconhecimento e houve pintores, como Salvador Dalí e René Magritte, que retomaram o tema do duplo e do reflexo temporal, ecoando a mesma simbologia, embora não se referindo a Jano diretamente. Poetas e filósofos também o evocam como metáfora da consciência histórica, da nostalgia e do renascimento pessoal, como Bernardim Ribeiro na *Écloga de Jano e Franco*. A obra conta a história de amor de Jano, um pastor alentejano, e de Franco, que vinha de Coimbra. Estes versos apresentam-nos ideias sobre o sentido da vida e uma forma de valorizar a companhia, mostrando duas extremidades num contexto só (dualidade). Alguns estudiosos dizem que Jano seria uma variação de Bernardim, enquanto que Franco representaria Sá Miranda, que, fora da poesia, eram grandes amigos.

Jano sobrevive como símbolo da passagem

e da transformação. Ele vive em cada instante de mudança — no começo de um ano, no recomeço de um ciclo, no amadurecimento de uma vida. Representa a tensão entre memória e expectativa, tradição e renovação, fim e começo.

Mais do que um deus antigo, Jano é a imagem do próprio tempo humano — o rosto duplo da consciência que recorda o que foi e presente o que virá. Mostra a dualidade sobre assuntos que hoje nos são relevantes e mantém-se preso no nosso dia a dia, seja no nome do mês que ainda permanece ou na experiência humana de desfrutar de cada novo ciclo e da eterna mudança.

LÍVIO, Tito. *History of Rome / Books I–II (Ab Urbe Condita, Vol. I)*. Tradução de B. O. Foster. Cambridge, MA ; Londres: Harvard University Press ; William Heinemann, 1919. Loeb Classical Library, vol. 114.

Um blockbuster intelectual

— *One Battle After Another*

Autoria: João Amaral
Edição: Matilde Fernandes

Ainda em reflexão sobre se merece a meia estrela seguinte.

É um filme grande. Tanto na duração como na ambição. Há muito material, o suficiente para sucessivas visualizações e estudo. Assim, embora enfrentado com a difícil tarefa de partilhar as minhas ideias e pensamentos, sinto-me — porque são tão importantes, valiosos e pertinentes! — determinado a fazê-lo.

É por isso que evocarei o melhor método para justificar *qualquer* opinião sobre qualquer coisa: responder à mais simples pergunta, colocada pelo meu irmão, ao sairmos da sala de cinema — “O que é que gostaste do filme?”.

Ora, Manel, aqui vai.

Começamos pelo maior ponto de consenso: é inegavelmente deslumbrante. A ação narrativa — que em si procura ora um retrato da realidade, ora desta virada do avesso — é elevada a um maior grau de (sur-)realismo através da lente. Filmado em VistaVision (formato da película de 35mm dos anos 50, dotada de uma qualidade analógica agora perdida), é belíssimo de se olhar e deliciar. Desde as rugas policiais em Bakton Cross até à frenética perseguição de carro — das melhores sequências que me lembro de ter visto no grande ecrã. Não há quem saiba mexer tão bem com uma câmara como Paul Thomas Anderson.

Gosto das personagens. Gosto (moderadamente, já lá vou) do ridículo Lockjaw (Sean Penn), assim como da Willa (Chase Infiniti). Gosto muito do Bob (Leonardo DiCaprio) — ou Ghetto Pat? Rocket Man? Não. Será Jim Parker? Batman??? Enfim, o absurdismo contagiante destas quase 3 horas já me estão a condicionar o raciocínio — como o pai ex-revolucionário, agora paranóico e impotente, limitado a passar tardes a

fumar “canhões” enquanto vê um filme sobre a Batalha de Argel no sofá.

Gosto tanto ou mais ainda da sua antítese representada no Sensei: um Benicio del Toro imperdível. Memorável pela sua sobriedade e fleuma *cool*, para desenhjar dos restantes. Quero acreditar que seja propositadamente irónico o facto de que é ele — enquanto imigrante, um dos que realmente sofre das causas pelas quais os French 75 lutam — o mais pacífico e perspicaz num ambiente que tanto induz à ansiedade, capricho e violência. E como não adorar Perfídia Beverly Hills (Teyana Taylor, aconselho vivamente o videoclipe da canção “We Cry Together”, com Kendrick Lamar) que tão bem encarna o revolucionarismo em pessoa.

Gosto também da banda sonora. Jonny Greenwood (a guitarra nos Radiohead) é, pela sexta vez consecutiva, o responsável pela composição musical de um filme de Anderson.

É mais a regra do que a exceção eu não adorar quando música está constantemente presente num filme. Dou o caso do Oppenheimer como amostra, que, apesar de ter música inegavelmente gigantesca e fora de série, resultou para o prejuízo dos diálogos do filme e contribuiu para a pressa que senti ao acompanhar a narrativa. Porém, Paul Thomas Anderson, como já anteriormente em “Magnolia” (1999) e “Punch-Drunk Love” (2002), foge a essa regra e personifica essa exceção — revela-se novamente um mestre do audiovisual ao complementar lindamente o som e a imagem (vê os videoclipes que já fez).

Vem-me à memória a longa e fantástica cena entre DiCaprio e del Toro (a minha preferida do filme inteiro, acompanhada pela perseguição) como exemplo desta complementariedade. O piano angustiante não só encaixa como pertence àquele ambiente claustrofóbico e de um incessante desassossego que nem quando Bob — finalmente! — consegue carregar o seu telefone. Aliás, a partir daí parece que apenas aumenta a inquietação: a maravilhosamente frustrante chamada entre Bob e o correspondente membro do grupo radical. Assim como as dedadas no teclado aumentam de intensidade. Isto para dizer que o som de fundo não se

limita ao termo de *background music*. Faz o contrário e, na minha visão, a sua função ideal: submete-nos mais ainda ao tom e ação do filme.

Mas aquilo que considero ser o ponto forte do filme é mesmo a própria história.

Nas semanas anteriores a ver o filme, a minha maior fonte de preocupação acabou por se manifestar como o maior elogio que lhe posso dar e que me faz considerar, passo a redundância, reconsiderá-lo após visitá-lo uma segunda vez.

Ganhei receio ao ler os confiantes cabeçalhos de jornais ou os presunçosos comentários nas “redes”, ao saber de que se tratava de um filme “profundamente atual” ou ao ler uma outra banalidade qualquer terrivelmente vaga, usada para chamar a atenção às críticas de opinião. Creio não ser o único que é automaticamente invadido por um estado de ceticismo imenso quando oiço/leio que algo “retrata distintamente a atualidade”. Porquê? Porque raramente é verdade. Daí o meu espanto — e desilusão para o meu ego insatisfeito por não ter razão — ao ver o filme e concordar com tais e, por mim, tão criticados comentários. É que os próprios “tema-chavões” como “polarização”, “fascismo”, “imigração”, *etc.* que predominam a opinião pública da chamada “atualidade”, já se tornam tão intoleráveis e insofríveis como a própria realidade que pretendem descrever.

Então, o que é que *One Battle After Another* tem de tão especial? Não é a distópica realidade em que vivemos, mas sim a forma como esta é trabalhada. Para além, claro, do talento natural dos seus intérpretes. São também o guião e personagens que nascem da cabeça do seu autor. O filme goza das vantagens (e desvantagens que, outra vez, já lá vou) de ser *um* Paul Thomas Anderson. Sabe dançar com o real e com o absurdo (quase sempre).

Os primeiros dois terços do filme são a superioridade de um Paul Thomas Anderson em toda a sua força. Manifesta-se em toda a sua confiança e idiosincrasias, agiganta-se desde o início. Os primeiros 40 minutos são uma máquina a todo o vapor, um animal indomável. A meio caminho, apazigua, antes de tornar à ação, e impõe-nos o contexto onde a

grande maioria do filme toma lugar, equivalendo-o à nossa realidade. E bem consegue fazê-lo. Não parece forçado nem hiperbolizante, o que seria o meu maior medo. O humor está lá, o foco dramático principal também. Assim que retoma a agitação com as rusgas federais e o rapto de Willa, dá-se um lento processo de transição para o absurdo. Parece que Paul Thomas Anderson lembra-se de que, afinal, isto trata-se de um *blockbuster* e deixa de se levar tão a sério. E, durante grande parte do tempo, é isso mesmo: um *blockbuster* com verdadeiro interesse, entusiasmante e extremamente bem feito (com cenas de ação infinitamente superiores a um “filme de ação”).

No entanto, já para os minutos finais começa uma missão lenta, mas que certamente se desprende do vínculo estabelecido com a realidade e entra no campo da caricatura. Na teoria, não acho mal. É uma premissa interessante em tempos tão confusos — “pós-modernos”, se quisermos — participar nesse despropósito. E às vezes é bem-sucedida. Ainda assim, é entre as reuniões clandestinas dos supremacistas brancos e o cada vez mais disparatado Lockjaw que o filme revela as suas fragilidades.

A cena à volta do teste de paternidade torna-se extremamente entediante pela primazia dada ao coronel, já cansativa, num momento que podia (e devia) ter tido um importante impacto emocional. Senti uma mesma perda de interesse mais tarde com a aparição do *hitman*, enviado ao serviço dos “Aventureiros do Natal” ao descobrirem que a personagem de Sean Penn teve relações sexuais com uma mulher afro-descendente (cena esta hilariante, diga-se de passagem) — um atentado ao seu compromisso com a missão de assinalar a superioridade da raça caucasiana. E, embora tenha resultado na incrível perseguição de carros tão magnificamente filmada, é já um certo desvio da narrativa principal e uma submissão ao absurdismo e falta de nexos da ação por ação, sem grande motivo pertinente. Nestas alturas (em que Lockjaw aparece, na reta final do filme), o charme e graça do filme desvanecem ligeiramente.

Infelizmente, perde-se perto do fim com caricaturas e alguns diálogos enfadonhos.

Mas, na sua totalidade, não deixa de ser um sucesso naquilo que procura: um retrato dos EUA, piscando o olho ao surrealismo da realidade. Sério — sem pretensiosismo — quando precisa de o ser. Não é *preachy*, nem é mais um chato e óbvio “aviso sobre os perigos que a democracia corre”. Ou se o é, é feito da melhor maneira possível. Divertido durante o tempo todo. Ambicioso no seu reflexo dos confusos *signs of the times*, maioritariamente bem alcançado. Não é o melhor filme dos últimos 10 anos, como muito se diz por aí. Mas vale pela sua ambição e praticamente certa execução. Louvemos o trabalho do possivelmente maior e mais original cineasta americano do século enquanto o temos em atividade.

E bem, se tiveste paciência e chegaste até ao fim (não sou bem um Blaise Pascal...), acabou por ser mais do que uma resposta à tua pergunta, Manel. Foi mais o exercício da tal reflexão interior que me prometi fazer no início do texto. E uma forma de perceber que, pelos vistos, gostei mais do filme do que me lembro. Ainda assim, não me quero precipitar. Vou esperar para ver uma segunda vez para dar as 4 estrelas e meia.

Temor e Tremor

Pequeno ensaio-desabafo sobre “Temor e Tremor” e empatia

Autoria: Mar

Edição: Lourenço Ramos

Como é possível ser justo e ético ao mesmo tempo em que se obedece a um comando que parece ser moralmente errado?

Nesta obra, o tema central é a angústia da fé. Abraão tem de sacrificar o seu filho Isaac, a pedido de Deus. Isto coloca Abraão num conflito entre a humanidade e a sua cega fé em Deus. Concretizar este pedido, mesmo que vindo de Deus, é inconcebível, irracional e incompreensível. Porém, aqui é-nos apresentado o conceito “salto de fé”. Consiste na decisão de, independentemente de tudo, confiar radicalmente em Deus. Kierkegaard divide a vida humana em três distintas partes:

- Estética: Prazer e satisfação;
- Ética: Moralidade, responsabilidade, compromisso com normas;
- Religião: Fé incondicional (salto de fé).

Diante desta problematização, Abraão tem o papel de cavaleiro da fé. Ele representa também o paradoxo da fé – realizar tal pedido é contraditório com a humanidade e até com Deus. A sua religião é o mais claro e translúcido exemplo de crença absoluta sem hesitação.

A relação da ética humana e da doutrina cristã é o que o autor utiliza nesta narrativa: argumenta que a verdadeira fé exige uma entrega total e baixar as guardas, ou seja, a disposição para com a vontade divina que não deve ser condicionada pela ética humana. O foco desta relação é demonstrado pela tensão e sofrimento de Abraão perante tal pedido cruel de sacrificar o seu filho sem entender o motivo (cegamente). *Temor e Tremor* é uma obra profundamente filosófica que aborda a complexidade da fé, a angústia humana e o paradoxo da obediência religiosa. Kierkegaard desafia os leitores a refletirem sobre o significado da crença incondicional e a capacidade de confiar em algo além da razão e da moralidade humana. Ao usar a figura de Abraão, ele coloca em foco o dilema existencial de viver uma vida de fé verdadeira, que vai além dos limites da compreensão humana.

Temor é a angústia de saltar em fé e *Tremor* é submissão a Deus.

O artigo de C. Reis Pereira (2016) gira em torno da reflexão existencial com foco na própria experiência de Abraão. No silêncio e solidão de Abraão, como é possível observar por não contar à mãe do seu filho, Reis Pereira explora a angústia existencial quando confrontado com um pedido descabido e que o desafia aos mais altos níveis. O autor anuncia que a angústia sentida por Abraão vai além dos sentimentos. É uma profunda experiência. Uma crise existencial.

Renunciar o racional a fim de confiar em Deus sem mais nem menos. O dilema da obra é discutido no artigo de Reis Pereira, trazendo-nos, assim, ainda mais reflexões sobre os limites da razão humana, a necessidade de uma fé incondicional e a transcendência entre compreensão lógica e moral.

A relação entre o Homem e Deus, entre fé e razão, entre absolutismo e equilíbrio e que acarreta a isto tudo implicações filosóficas para compreender finalmente a fé cristã e a condição humana.

A consciência de matar um filho ou a consciência de desobedecer ao divino.

O novo realismo português: a transformação do lirismo para a crueza

Autoria: Mariana Ribeiro
Edição: Giovana Oliver

Da precariedade à solidão, uma nova geração de autores portugueses escreve com brutal honestidade sobre o país real. Menos metáforas, mais cicatrizes.

Já muitos escritores chegaram à conclusão de que contar uma boa história, pertinente e que conduza à reflexão, à análise, ao mesmo tempo que entretém o leitor é uma das tarefas mais difíceis de concretizar. Após décadas de uma herança lírica (Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, Mário de Sá Carneiro...), os novos autores portugueses estão a transformar o tom e registo da literatura.

Nesta era pós crise e pós-pandemia nota-se que os leitores procuram, mais do que nunca, um realismo cru, por uma espécie de neorealismo emocional, não ideológico. Depois de tantos acontecimentos, os escritores parecem ter desistido das metáforas e transcendências, passando a seguir a rota de uma literatura crítica e crua.

Autores contemporâneos como Afonso Reis Cabral (autor de *O último avô*), Bruno Vieira Cabral (autor de *As primeiras coisas*) e José Luís Peixoto (autor de *Cemitério de Pianos*) adotam a estética da honestidade, em que a prosa se aproxima do tom jornalístico ou diarístico, quase como uma crónica. A tradição lírica portuguesa (de Saramago, Lobo Antunes, Agustina e de muitos outros autores portugueses) ganhou um novo tom urbano e desencantado.

Há uma fadiga do belo em que, depois de tantos anos de escrita metafórica e poética, agora reina a crueza e o sentimento de não estar só. E editoras como Relógio d'Água, Companhia das Ilhas e Ponto de Fuga têm refletido essa viragem, apostando cada vez mais em autores realistas, tanto por ser uma

tendência de mercado como por ser a nova estética atual. Pois, num mundo cheio de filtros e saturado de imagens, o que os leitores procuram é a autenticidade.

Esta mudança é clara em autores como Hugo Gonçalves, que tem feito do desassossego urbano e da solidão contemporânea o seu território literário, expondo a precariedade e o desencanto de uma geração em obras como *Revolução*; Djaimilia Pereira de Almeida, que faz com que o leitor tenha um sentimento de pertença e identidade através de uma prosa despida, quase clínica, em livros como *A Visão das Plantas*; e João Tordo, que escreve com urgência para expor a realidade em vez de embelezá-la.

Este novo estilo tem parecenças com o *dirty realism* (realismo sujo). Apesar de a literatura portuguesa atual ainda não ter abraçado totalmente essa corrente, ambos se focam muito na crueza e no sofrimento. Enquanto os autores portugueses procuram uma verdade emocional, tentando equilibrar o poético e cru, o *dirty realism* assume-se antipoético e documental, recusando qualquer embelezamento (como faz Bukowski).

Perante esta mudança, a resposta dos leitores tem sido positiva. O crescimento de clubes de leitura, de vendas e de fóruns de discussão literária refletem isso. Apesar de, por vezes, ser desvalorizado por vozes mais tradicionais e conservadoras, a diversidade de estilos literários só contribui para o bem-estar do mercado editorial. Quer o público procure sentir-se identificado, quer procure apenas um escape, há livros para ambos.

A literatura, ao longo das décadas, tem sido e terá sempre de ser alterada. Caso contrário, não acompanhará a evolução da sociedade e o contexto social em que estamos inseridos. Se o neorealismo dos anos 40 denunciava a pobreza, o realismo atual denuncia o cansaço e outro tipos de crises.

Mais do que um quarto só seu: Literatura e Resistência Feminina

Autoria: Nicole Barros
Edição: Sara Coelho

Antes de serem histórias, as palavras foram gritos pela mudança e pela resistência. Para além de um espaço seguro, a literatura tornou-se uma bandeira, uma das mais importantes fontes de propagação das ideias feministas. Tal como outras formas de arte, a escrita possui o poder de transmitir sentimentos, vontades e de servir como pólvora para movimentos sociais e revolucionários. Seja ao ler Virginia Woolf, com a sua escrita densa e introspetiva, típica do século XIX, que nos leva a reler o mesmo parágrafo várias vezes para captar todas as suas mensagens, ou através dos poemas de Amanda Lovelace, com uma leitura e linguagem mais acessíveis.

Foi no século XX, com as primeiras ondas do feminismo, que as mulheres empunharam a caneta como arma para lutar contra a repressão patriarcal e reivindicar direitos iguais. Nesse momento, a figura feminina deixou de ser apenas frágil, obediente e passiva. As mulheres começaram a usar a voz que acabavam de descobrir — e finalmente podiam fazê-la ecoar. As escritoras, muitas vezes silenciadas, usaram as palavras como forma de existir, de gritar e de reescrever o que a história tentou silenciar.

Assim, permito-me destacar algumas escritoras — e as suas obras — que, através das palavras, mostraram como é possível defender aquilo em que acreditamos. Começando por **Maria Teresa Horta**, que, para além de demonstrar que a eroticidade não deve ser um tabu para ninguém no seu livro *Palavras do Corpo*, expõe as violências cometidas durante o Estado Novo contra as mulheres e denuncia os horrores do colonialismo em *Novas Cartas Portuguesas*.

Das autoras referidas no primeiro

destaco *Um Quarto Só Seu*, de **Virginia Woolf** e *A Bruxa Não Vai Para a Fogueira Neste Livro*, de **Amanda Lovelace** — duas obras que realçam a liberdade e a autonomia da mulher como fatores essenciais e inegociáveis. Importa ainda salientar **Judith Butler** e a sua contribuição para um feminismo mais inclusivo, lutando pelos direitos das mulheres transgénero e por uma compreensão mais ampla das identidades de género.

Por fim, não posso deixar de mencionar **Angela Davis**, **Chimamanda Ngozi Adichie** e **bell hooks** — nomes que representam apenas uma pequena parte da lista infinita de mulheres que, através da escrita e da arte, lutam, questionam e transformam o mundo.

Faltam palavras para traduzir a força e a diversidade das suas vozes.

A literatura não é apenas um reflexo da luta travada pelas mulheres — é também um instrumento para a reconstrução da sociedade através de palavras de resistência e empoderamento. Cada texto escrito por estas autoras ecoa como um ato político, uma reivindicação de mudança e uma forma intemporal de alcançar um mundo mais igualitário.

Mais do que “um quarto só seu”, a mulher precisa da literatura para lutar pela sua liberdade e igualdade — e, assim, ser capaz de inspirar outras pessoas. Só assim poderemos reescrever a história, mostrando que, por mais que tentem, nunca conseguirão apagar o nosso nome. Pois, como escreveu um dia **Virginia Woolf**, “fechem as bibliotecas, se quiserem; mas não há barreira, fechadura ou ferrolho que possam impor à liberdade da minha mente”.

A Tecnologia e a Prova do Tempo

Autoria: Lara Carrinho
Tradução: Lourenço Ramos

Neste sistema pós-moderno que criamos, a tecnologia tornou-se parte da cultura e da experiência humana. Tal como a cultura, a tecnologia pode ajudar a moldar a identidade dos indivíduos e ajudar-nos a encontrar as comunidades a que pertencemos. Pode ajudar-nos a conhecer-nos melhor, mas também pode isolar-nos ainda mais do resto do mundo. É importante saber a distinção entre mundo real versus a galáxia digital onde atualmente residimos.

A tecnologia, tal como a cultura, pode ser utilizada tanto para oprimir como para libertar; para influenciar ou para denegrir. Não acho que podemos separar ambos os conceitos, tendo em conta os tempos em que vivemos, a não ser que sejamos monges budistas ou eremitas. Estamos todos extremamente dependentes dos nossos aparelhos tecnológicos. É uma consequência inevitável do progresso que alcançamos enquanto espécie. Mas como é que se reconcilia a humanidade com a tecnologia? E como é que a podemos usar para enriquecer a experiência humana, sem permiti-la de roubar a nossa expressão criativa?

Antes da era dos telemóveis e dos computadores e da internet, comunicávamos à moda antiga: em pessoa ou por carta. Domesticávamos pombos, criaturas extremamente inteligentes e dóceis, e tirávamos proveito da sua capacidade natural de voar, uma habilidade muito cobiçada por nós humanos. Ensinámo-los a transportar as nossas mensagens de um lado para o outro, chegando a pessoas e a lugares a que hoje em dia podemos chegar com um simples clique. Mais tarde encontramos meios de telecomunicação melhores e mais rápidos, por isso abandonámo-los. Deixámo-los a vagabundear pelas ruas, para sempre incapazes de construir ninhos como qualquer outra ave, obrigados a dormir no lixo porque lhes tirámos a liberdade e depois os descartámos quando

já não nos eram úteis, como a humanidade costuma fazer.

Então, porque é que usamos os nossos telemóveis? Apenas para comunicar mais facilmente e eficientemente com outras pessoas? No início da era digital talvez se pudesse dizer que essa era a única razão, mas o nosso uso diário de tecnologia cresceu muito para além de mera conveniência. Podemos culpar a pressão da sociedade? Porque é que criamos perfis? Quase toda a gente tem um, então tu também devias ter. Será uma maneira de partilhar as coisas de que gostamos com os nossos amigos?

Eu acredito que os temos por todas as razões mencionadas. E, acima de tudo, temo-los por causa de uma terceira razão secreta que tão frequentemente ignoramos. Se a criação de perfis e o uso geral da tecnologia fossem apenas "maneiras de comunicar" não passaríamos tanto tempo cuidadosamente a selecionar o que publicar, nem a fazer *moodboards* e *playlists* extremamente detalhadas, nem escolheríamos apenas as melhores fotos para os nossos *dumps* mensais. Nesse sentido, não somos tão diferentes dos nossos antepassados pré-históricos, uns quantos Neandertais a escrever nas paredes das nossas cavernas digitais metafóricas, a gritar *Estou aqui. Eu existo. Eu vivo*.

Fazemo-lo, claro, com as complexidades adicionais que uma persona *online* acarreta, algo com que os nossos antepassados não tinham de se preocupar, preocupando-se antes com coisas mais importantes como caçar e sobreviver. Mas não estaremos também a tentar sobreviver no vasto e difícil mundo que é este ambiente pós-moderno, à nossa própria maneira tola? Correndo o risco de irritar Platão (*Perdoe-me, senhor*), tentarei usar a sua alegoria da caverna para expressar melhor os meus pensamentos sobre o assunto.

O mundo digital é a nossa caverna, as nossas experiências vividas são a luz cegante da fogueira e nós somos os marionetistas a projetar as sombras. Desse modo, as sombras não são a verdade (o mundo real), mas também não são uma mentira - algo substancial deve existir para que uma sombra possa ser projetada

em algum sítio. Então, nessa linha de pensamento, torna-se num reflexo da realidade. Também podemos tornar-nos prisioneiros de nós próprios, confundindo as sombras com a sua verdadeira fonte. Por isso, os nossos espaços digitais são como um espelho que reflete quem somos versus quem queremos ser, o real versus o imaginário. São meios práticos de lançar luz sobre algo que, de outra forma, permaneceria escondido.

Temos a obrigação moral de criar um espaço que devolva o indivíduo a si próprio para que a tecnologia possa tornar-se numa ferramenta complementar que nos auxilie na vida real, em vez de uma arma de separação, que funcione como ponte entre a verdade e as sombras. Também temos a obrigação moral de deixar a internet um pouco melhor do que como a encontramos. Temos um dever digital de ajudar todos os outros fantasmas efémeros com que nos cruzamos no nosso cantinho da web. A tecnologia torna-se na nossa própria cápsula do tempo, quase a transbordar com as coisas de que mais gostamos, as nossas melhores memórias e pensamentos que devem ser preservados.

A tecnologia é um fenómeno da nossa era que resiste ao teste do tempo. A tecnologia é feita de milhares de milhões de estrelas cintilantes que brilham intensamente neste panorama digital infinito, na esperança de - um dia - serem encontradas.

A Morte de Ivan Ilitch: um guia para uma vida “fácil, agradável e decente”

Minor spoilers para A Morte de Ivan Ilitch, de Lev Tolstói

Autoria: Aster
Edição: Sara Coelho

Quais são os parâmetros que classificam a qualidade do nosso tempo na Terra, tempo esse que é, indiscutivelmente, tão curto? Podemos ter a sorte de atingir um estado confortável, marcado pelo sucesso, talvez até pela realização pessoal, e imaginar que conseguimos aproveitar ao máximo a primeira dádiva que nos foi concedida. Que faríamos nós, no entanto, se, acreditando estar a viver da melhor forma possível, viéssemos a descobrir ter perdido o nosso tempo escasso com relações supérfluas e momentos de alegria ensaiada? Que faríamos nós se fosse tarde demais para o corrigir?

Tolstói explora estas questões na novela *A Morte de Ivan Ilitch* (1886), onde podemos encontrar uma espécie de manual de instruções para o desperdício certo da nossa vida. O autor não apresenta um roteiro com traços delimitados, capaz de conduzir o leitor através da sua jornada de forma infalível (nem sequer se propõe a fazê-lo, dada a impossibilidade desta tarefa). Em vez disso, apresenta-nos Ivan Ilitch, um homem aparentemente bem sucedido a nível profissional, social e até matrimonial, se considerarmos os padrões da época; mas cujo maior feito na vida foi desperdiçá-la.

Curiosamente, o início da narrativa não nos introduz imediatamente a Ivan Ilitch. O primeiro capítulo acontece após a sua morte, expondo a reação dos seus amigos e família à sua partida. Descobrimos que o falecimento do protagonista não havia sido um acontecimento súbito, mas sim a consequência de uma doença que já o atormentava há alguns meses. Mesmo assim, percebemos que os seus colegas de trabalho não o tinham visitado quando

estava doente e que, assim que sabem da sua morte, o seu primeiro pensamento centra-se nas possíveis promoções que surgirão devido à libertação do cargo. Os amigos de Ilitch que nos são apresentados não revelam praticamente nenhuma empatia para com o defunto e, por sua vez, a viúva parece estar exclusivamente interessada em garantir que consegue todos os benefícios financeiros que a morte do marido lhe traz.

O restante da narrativa explica-nos, entre outras coisas, o porquê da distância emocional que as personagens apresentam face ao protagonista nesta cena de abertura. Procurando levar uma vida “fácil, agradável e decente” (como é referido tantas vezes ao longo da obra), Ivan Ilitch adota determinadas máscaras sociais e mantém relações interpessoais supérfluas, fundadas inteiramente em questões de conveniência. E ele não é o único a tomar esta atitude. Todos aqueles com quem interage ao longo da obra estão, tal como ele, vidrados na construção de uma “persona” socialmente louvável. Assim, percebemos que o protagonista é apenas um dos muitos filhos de uma sociedade que coloca a manutenção de aparências acima do estabelecimento de conexões genuínas e da descoberta do “eu”.

A obra é encerrada com a morte do protagonista, que deixa a vida com uma consciência amargurada do seu fracasso. A viagem psicológica que atormenta Ivan Ilitch durante os seus últimos dias tem a capacidade de levar o leitor a imaginar-se numa situação semelhante. Podemos estar a repetir, inconscientemente, os enganos que destruíram Ilitch? Quando terminamos *A Morte de Ivan Ilitch*, sentimos a necessidade de refletir acerca dos erros cometidos pela personagem que culminaram fatalmente no desperdício irreparável da sua vida. Como já referi, se pretendem construir uma existência “fácil, agradável e decente”, que é como quem diz supérflua e desprovida de genuinidade ou “sentido”, basta seguirem cuidadosamente o manual de instruções que nos é deixado pelo protagonista. Contudo, se estão interessados em evitar um fim semelhante ao de Ivan Ilitch, acredito que conhecer o seu roteiro de vida tenha a sua utilidade. É

provável que algumas das chaves que nos permitam aproveitar ao máximo o número limitado de respirações que nos foi concedido sejam exatamente o oposto dos passos do guia seguido pela personagem que vos acabo de apresentar.

Deixo-vos, portanto, o guia utilizado por Ilitch, caso vos interesse segui-lo (ou caso tenham vontade de violar estes códigos de conduta):

- *Passo um:* Ignora a finitude do teu tempo na Terra.
- *Passo dois:* Traça um percurso unicamente baseado naquilo que a sociedade considera “decente” ou capaz de te levar a atingir a felicidade.
- *Passo três:* Mantém-te num estado de alienação que te impossibilite de formar conexões genuínas.

Por fim, despeço-me com um último apelo. Não sejamos arrogantes ao ponto de pensar que conseguimos quebrar estas regras com uma dita “perna às costas”. Ivan Ilitch também se sentia satisfeito com a sua vida até ao momento em que a sentiu deixá-lo de forma lenta e dolorosa.

A todos aqueles que pretendem romper este vício que parece estar difundido universalmente, apesar de tantas vezes ser criticado, recomendo a leitura de *A Morte de Ivan Ilitch* (estou certo de que uma compreensão aprofundada deste manual de instruções vos dará as ferramentas para o desconstruir). Atrevam-se a transbordar e a forçar os moldes. Atrevam-se a arriscar!

O Quebra-Nozes: O Natal na ponta dos pés

Autoria: Ana Reis
Edição: Matilde Fernandes

Ah, dezembro! Época de frio (pelo menos no hemisfério norte) e de uma das datas comemorativas mais importantes do ano — o Natal. Por volta desta época, em 1892, estreou no Teatro Mariinsky, na Rússia, um dos bailados mais icônicos de todos os tempos: *O Quebra-Nozes*. Um *ballet* clássico do século XIX da autoria do ilustríssimo Tchaikovsky e que se tornou intrinsecamente ligado ao espírito natalício.

O Quebra-Nozes está dividido em dois atos e três cenas. O bailado inicia-se ao som da famosa abertura, com um cenário tipicamente natalício, representando a sala de estar da família Stahlbaum. No meio das personagens que inundam a cena, encontramos Clara, personagem principal do bailado. Entre os convidados que chegam, é-nos apresentado o mágico e misterioso Tio Drosselmeyer, padrinho de Clara — o responsável pelo desenrolar dos acontecimentos, uma vez que entrega a Clara o *Quebra-Nozes*. Por isso, é comum que ele volte a aparecer no segundo ato do *ballet*.

O principal e único conflito do bailado acontece logo após a festa de Natal. Clara dorme calmamente ao lado do *Quebra-Nozes* quando são atacados pelo Rei Rato e os seus capangas. Este momento conta com a presença de bailarinos vestidos com fatos de ratos amedrontadores — mas a única coisa que me assusta é imaginar o calor dentro daquelas roupas. Já do lado do *Quebra-Nozes*, surgem soldados de chumbo equipados com armas de fogo. A luta só termina com uma sapatada que Clara dá na cabeça do Rei Rato (Girl Power!).

Após a vitória, o *Quebra-Nozes* e Clara iniciam uma viagem encantada, cuja primeira paragem é o Reino da Neve, onde são recebidos por flocos de neve que dançam. As bailarinas, vestidas de branco, deslizam pelo palco enquanto a neve cai (e cai mesmo, porque muitas produções utilizam neve falsa a fim de criar uma experiência mais imersiva para o público). Depois de os flocos dançarem, os nossos

viajantes são apresentados à Rainha da Neve, que é, normalmente, acompanhada pelo seu Rei. Por favor, não confundam esta personagem com a sua homónima do conto de Hans Christian Andersen (não há raptos nesta história!).

Ao passarem pelo Reino da Neve, são transportados para o Reino dos Doces e aí se inicia o segundo ato. Neste reino, conhecem a Fada do Açúcar e recebem a visita de algumas nações na forma de guloseimas. É neste ato que acontece também a famosa Valsa das Flores. Resumindo, o segundo ato do *Quebra-Nozes* é: doces, doces, flores e mais doces.

Todavia, para que o público não se enjoasse de tanta gulodice, Tchaikovsky fez questão de tocar os nossos corações com o *Pas de Deux* final, dançado pela Fada do Açúcar e o seu fiel Cavaleiro.

Ao longo do tempo, o bailado ganhou várias adaptações, tanto coreográficas quanto narrativas, em diferentes companhias ao redor do mundo e até mesmo para o grande ecrã. Algumas das adaptações mais conhecidas do *ballet* são a versão de George Balanchine para o New York City Ballet e a de Nureyev para a Ópera de Paris. No mundo cinematográfico temos aquele que é o primeiro filme animado da boneca Barbie (*Barbie: O Quebra-Nozes*) e, mais recentemente, *O Quebra-nozes e os Quatro Reinos*, da Disney.

Independentemente da versão a que assistimos, o impacto que a história, danças, personagens e músicas têm em cada um de nós é único e memorável. Uma história simples — nas palavras de Tchaikovsky, “sobre bonecos” —, mas que até hoje tem o poder de trazer ao de cima a criança que mora dentro de nós e que se encanta com as coisas simples da vida (como um boneco que parte nozes).

No fim do bailado, descobrimos que tudo não passou de um sonho de Clara, mas este é um sonho que não será esquecido, nem por ela, nem por nós.

Feliz Natal!

Stranger Things: uma última aventura

Autoria: Diana Colaço
Edição: Catarina Casal

Há nove anos — sim, nove! — estreou na Netflix a primeira temporada de *Stranger Things*. O fenómeno criado pelos irmãos Duffer tornou-se rapidamente uma das séries mais marcantes da plataforma de streaming, conquistando fãs de todas as idades e de todo o mundo com a sua mistura única de nostalgia dos anos 80, mistério e ficção científica. Agora, às portas da quinta e última temporada, vale a pena recuar ao ponto onde tudo começou. Porque *Stranger Things* não nasceu apenas da cultura pop dos anos 80: nasceu das sombras de uma história real, feita de segredos, paranoia e ciência experimental.

Anos oitenta, mas com raízes nos anos cinquenta

Embora *Stranger Things* se passe nos anos 80, as suas origens remontam a um contexto muito anterior. A série é inspirada tanto em factos verídicos como em teorias que nasceram durante a Guerra Fria, um período tenso de rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Nessa altura, ambos os países competiam em praticamente tudo — tecnologia, armamento, espionagem e até ciência experimental. O medo da supremacia inimiga levou os governos a financiar programas secretos que prometiam vantagens estratégicas, mesmo que isso implicasse ultrapassar limites éticos ou humanos.

É aqui que entra a CIA (Central Intelligence Agency), com uma série de experiências que, décadas mais tarde, serviriam de base à ficção dos irmãos Matt e Ross Duffer.

O Projeto MKULTRA: o início de tudo

Na década de 1950, o governo norte-americano criou um programa secreto, financiado pela CIA, com o objetivo de explorar o controlo mental e

manipulação psicológica. Chamava-se MKULTRA — o mesmo projeto coordenado pelo Dr. Brenner em *Stranger Things*.

O MKULTRA procurava desenvolver drogas e técnicas capazes de forçar confissões, apagar memórias e até manipular comportamentos. O LSD era uma das substâncias mais usadas, aplicada muitas vezes em civis e soldados sem o seu conhecimento.

Durante anos, o governo negou a existência do programa, até que, em 1995, o então presidente Bill Clinton pediu desculpas públicas pelas experiências ilegais levadas a cabo durante esse período. Uma confirmação tardia de que parte daquilo que parecia ficção era, afinal, verdade.

Montauk: o nome original de Stranger Things

O enredo da série também se inspira noutros programas governamentais e teorias da conspiração que surgiram a partir do MKULTRA. Um dos mais famosos é o *Projeto Montauk*, alegadamente desenvolvido numa base militar desativada em Nova Iorque, chamada Camp Hero.

Em entrevista à revista *Wired*, em 2017, o ator Gaten Matarazzo (Dustin Henderson na série) confirmou que a produção se inspirou diretamente nesse local real: “A história é baseada naquele laboratório do governo — um sítio verdadeiro, em Montauk, Nova Iorque, onde, alegadamente, foram realizadas experiências secretas durante a Guerra Fria”.

Segundo as teorias, nesse local teriam ocorrido experiências de telepatia, manipulação do tempo e contacto com outras dimensões — tudo “em nome da ciência e da defesa nacional”. A história é tão próxima da ideia original dos irmãos Duffer que, antes de se chamar *Stranger Things*, a série teria precisamente o título *Montauk*.

Nina Kulagina: a Eleven que existiu

Outra inspiração curiosa vem do outro lado da cortina de ferro. Nos anos 70, a russa Nina Kulagina afirmava ser capaz de mover objetos com a mente. As imagens das suas demonstrações correram o

mundo e, mesmo sem provas científicas, chamaram a atenção da CIA.

A figura de Kulagina inspirou a criação da Eleven, assim como do “Projeto Nina”, na quarta temporada da série. A fronteira entre mito e realidade volta a esbater-se e a série transforma essas histórias numa reflexão sobre o medo do diferente e o preço da curiosidade científica.

A melodia da nostalgia: os anos 80 que nunca nos deixaram

Se o lado oculto da série vem da História, o seu encanto vem da memória coletiva. *Stranger Things* é, antes de mais, uma carta de amor à cultura dos anos 80 — uma década de luzes néon, música, videojogos de 8 bits, *Dungeons & Dragons* e filmes de aventura.

As referências são inúmeras e cuidadosamente escolhidas: de *E.T.* a *Os Goonies*, de *Caça-Fantasmas* a *Poltergeist*, cada enquadramento parece saído de um cartaz cinematográfico da época. O vestuário, os penteados e até os diálogos recuperam o tom esperançoso e entusiasmado de um tempo que apela tanto a quem o viveu como a novas gerações.

Mas nada simboliza melhor essa nostalgia do que a música. Quando a canção *Running Up That Hill*, de Kate Bush, ressurgiu na quarta temporada, transformou-se num hino intergeracional — e levou a cantora britânica, quase quarenta anos depois, ao topo das tabelas mundiais. O poder da canção de 1985 provou que a nostalgia pode ser também uma forma de resistência: um elo entre passado e presente, emoção e memória.

A própria série é, afinal, um portal — não para o Mundo Invertido, mas para a importância da amizade, coragem e força da união, mostrando como a colaboração e o apoio mútuo são essenciais para enfrentar o desconhecido e superar o medo.

Uma última aventura: o fim de uma era e o início de um novo capítulo

A quinta temporada de *Stranger Things* marcará o fim de uma era para os fãs. Será o encerramento das histórias de Eleven, Mike, Dustin, Lucas e Will (e muitos outros personagens dentro do universo da série),

que cresceram connosco e se tornaram parte da cultura contemporânea.

Mas, como em Hawkins, o fim nunca é realmente o fim. Os irmãos Duffer já confirmaram que o universo de *Stranger Things* continuará a expandir-se muito para lá da série principal. Para além dos livros e novelas gráficas oficiais, que exploram o passado das personagens e aventuras entre as temporadas, há também uma peça de teatro: *Stranger Things: The First Shadow* (com um documentário sobre os seus bastidores na Netflix), atualmente em exibição em Londres e Nova Iorque. A peça serve como prequela e revela segredos da juventude de Joyce e Hopper e do restante elenco de personagens adultas.

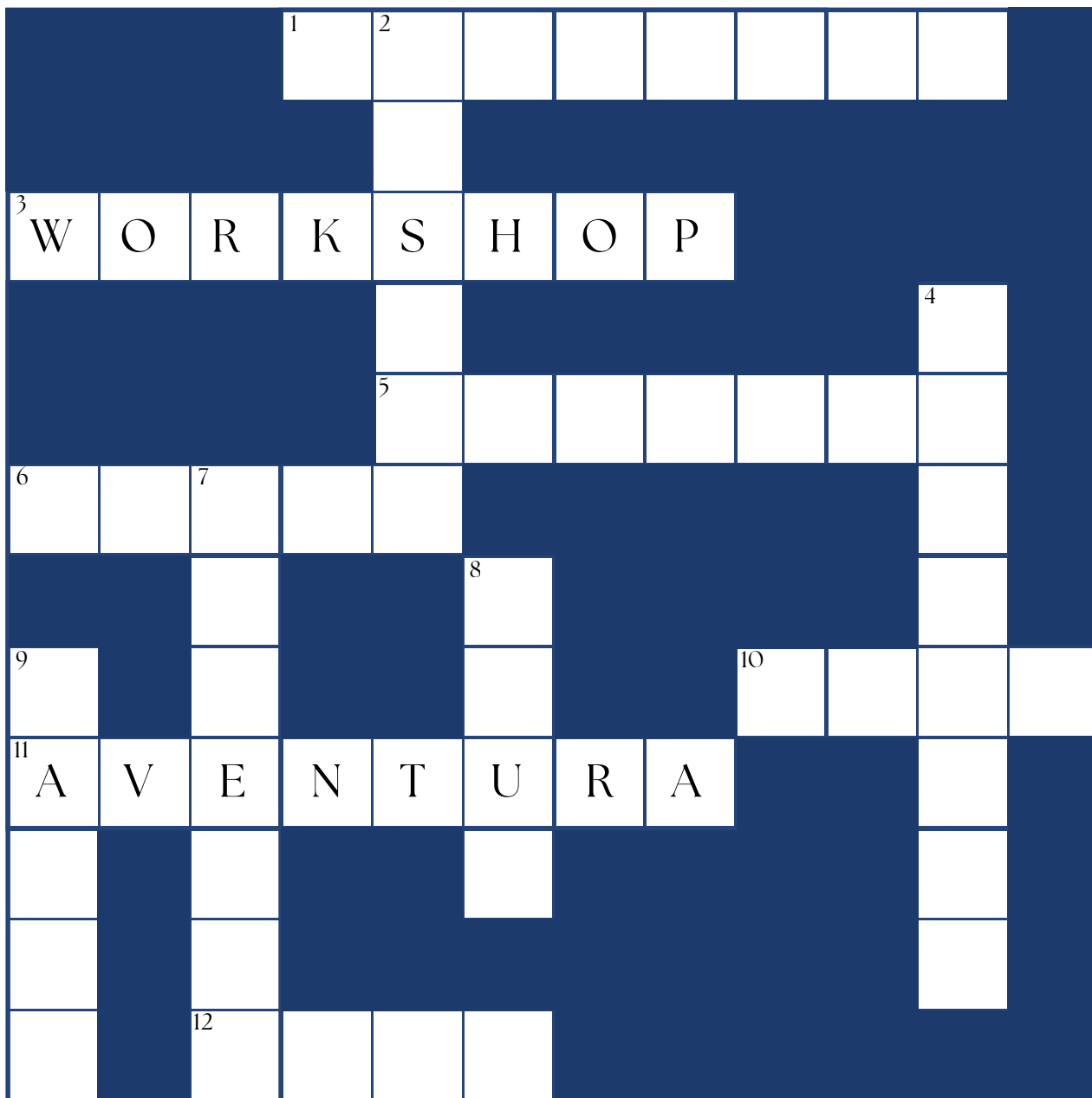
E a expansão não para por aí: a Netflix anunciou recentemente a série de animação *Stranger Things: Contos de 85*, prevista para 2026, que promete visitar o espírito da década que deu origem a tudo isto — agora através de novas histórias e formatos.

Assim, mesmo que as luzes de Hawkins se apaguem na televisão, o universo criado pelos irmãos Duffer continuará a brilhar noutros ecrãs, palcos e folhas. Porque, no fundo, *Stranger Things* sempre foi isso: um eco persistente da infância, uma memória coletiva que resiste ao tempo e um lembrete de que há sempre mais mundos por descobrir, mesmo dentro do nosso.

A quinta temporada foi dividida em três partes. O 1.º volume chega a Portugal a 27 de novembro e consiste nos primeiros quatro episódios (*The Crawl*, *The Vanishing of...*, *The Turnbow Trap* e *Sorcerer*) cuja duração varia entre 54 minutos e 1 hora e 23 minutos. O 2.º volume será lançado a 26 de dezembro, com os três episódios seguintes (*Shock Jock*, *Escape from Camazotz* e *The Bridge*). Por fim, o grande episódio final (*The Rightside Up*), com uma duração de aproximadamente duas horas, terá a sua estreia no dia 1 de janeiro. Então, não percam tempo! Peguem nas vossas bicicletas e preparem-se para uma última aventura com estes personagens que cresceram connosco.

P.S.: Aquando da publicação deste artigo no nosso *Jornal O Cola*, o primeiro volume já terá tido o seu lançamento. O artigo foi escrito antes de a nova temporada estar disponível.

CRUZADEX D'O COLA



AMOR

DESPORTO

INVERNO

NATAL

AVENTURA

ENSAIO

MADEIRA

TEMPO

COLA

FLUL

MONÓLOGO

WORKSHOP

SUDOKU

Nível Fácil

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 8 | 2 | | 3 | | 7 | | |
| | 4 | 7 | 9 | | | | | 6 |
| 3 | 6 | 9 | 1 | 7 | | 2 | 8 | |
| 8 | | | 2 | 4 | 3 | | | |
| | 1 | | 8 | | | 4 | | |
| | 2 | 3 | 5 | 1 | 7 | | 6 | 9 |
| | | | | 6 | 1 | | | 8 |
| | | | | | 9 | 1 | 4 | 7 |
| 9 | | | 4 | | | | | |

Nível Médio

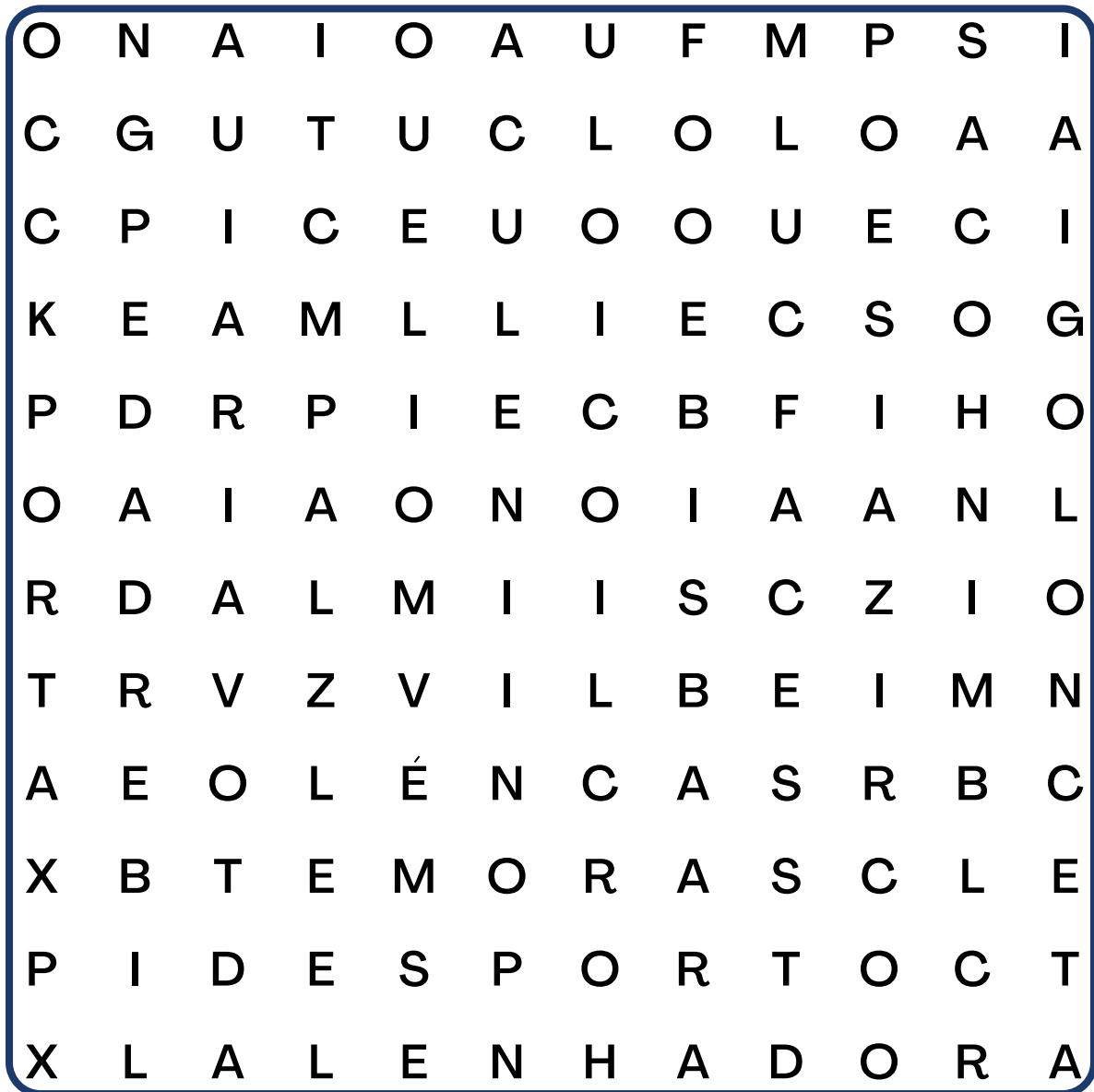
Soluções

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | 5 | 6 | 8 | 2 | 9 | 4 | 1 | 7 |
| 9 | 7 | 4 | 6 | 5 | 1 | 8 | 2 | 3 |
| 2 | 1 | 8 | 7 | 3 | 4 | 5 | 6 | 9 |
| 6 | 3 | 1 | 2 | 9 | 8 | 7 | 4 | 5 |
| 7 | 4 | 5 | 3 | 1 | 6 | 2 | 9 | 8 |
| 8 | 9 | 2 | 4 | 7 | 5 | 1 | 3 | 6 |
| 5 | 6 | 9 | 1 | 4 | 7 | 3 | 8 | 2 |
| 4 | 2 | 7 | 9 | 8 | 3 | 6 | 5 | 1 |
| 1 | 8 | 3 | 5 | 6 | 2 | 9 | 7 | 4 |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 9 | 7 | 1 | 4 | 5 | 8 | 6 | 3 | 2 |
| 6 | 5 | 8 | 3 | 2 | 9 | 1 | 4 | 7 |
| 2 | 3 | 4 | 7 | 6 | 1 | 9 | 5 | 8 |
| 4 | 2 | 3 | 5 | 1 | 7 | 8 | 6 | 9 |
| 7 | 1 | 5 | 8 | 9 | 6 | 4 | 2 | 3 |
| 8 | 9 | 6 | 2 | 4 | 3 | 5 | 7 | 1 |
| 3 | 6 | 9 | 1 | 7 | 4 | 2 | 8 | 5 |
| 5 | 4 | 7 | 9 | 8 | 2 | 3 | 1 | 6 |
| 1 | 8 | 2 | 6 | 3 | 5 | 7 | 9 | 4 |

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 8 | 3 | | 6 | | | | 4 |
| 4 | 2 | | 9 | 8 | | 6 | 5 | |
| 5 | 6 | 9 | 1 | 4 | 7 | | | 2 |
| | 9 | 2 | | 7 | | 1 | | |
| 7 | | | | | 6 | 2 | | 8 |
| | | 1 | | 9 | 8 | | 4 | |
| 2 | 1 | 8 | 7 | | | 5 | 6 | |
| | | | | | | 8 | | |
| | 5 | | 8 | 2 | | 4 | 1 | 7 |

SOPA DE LETRAS



BICICLETA

FACE

LIBERDADE

POESIA

CERAMICA

FLUL

MINHOCAS

PORTA

COLA

INIMIGO

NÚCLEOS

TECNOLOGIA

DESPORTO

LENHADORA

PAPOILAS

TEMOR

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X*, *TikTok* e *Facebook*.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para jornalocola@gmail.com

O Jornal O COLA é um projeto de Letras para Letras.

Estamos sempre a aceitar os teus textos, poemas, ensaios, críticas, histórias (flash fiction, histórias curtas,...), reportagens, ilustrações, fotografias, entradas de diário, entre outros!



Acompanha-nos

-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  jornalocola@gmail.com
-  www.jornalocola.com

 Associação de Estudantes | FLUL
@aeflul
www.facebook.com/aeflulisboa